

## PREÂMBULO

### JOGAR COM UMA CARTA A MENOS

Pessoas – quantas! – se apegam a verdades autorreferenciadas, constroem uma identidade de perfectibilidade, exibem uma rigidez ideológica, uma superioridade pretensamente irrefutável. Ei-las nos púlpitos, nos palanques, tribunas, escondidas tantas outras em obscuros sites de redes sociais. Até mesmo o estranho fato de discursos teocratizados, radicais que são um convite à intransigência, à insurgência, quando o que mais precisamos é tolerância. Ai dos que pregam o desvario! “Cegos guiando cegos” (Mt 15,14).

São estratégias, muitas vezes, de fraqueza, de vulnerabilidade. Ninguém, humanamente, é dono da verdade. Contextos obsessivos, virulentos, tirânicos não resistem a uma dialética mais aprofundada, sequer às ondulações e vórtices do tempo e que são, por vezes, expressões de desprezo para com o próximo, o povo, os rincões que habitamos. Não há perfeição, não há certezas absolutas, salvo, obviamente, o propósito de Deus. O que se pode fazer diante do inesperado? Como agir ante a adversidade? Nada como a simplicidade e o velho e sábio conselho de nossos avós: “jogar sempre com uma carta a menos”.

Convivemos, dessa forma, com tendências obscuras da personalidade, manifestas em ambição, orgulho, lubricidade, insensatez, hipocrisia, gerando uma atmosfera psicossocial que atordoa as pessoas, aflora angústias, oscilações bruscas no comportamento humano e corpo coletivo. Radicalismo, exaltação incontrolada implicam em escolhas fragilizadas, escondendo nossa insegurança no pensar, no agir. Para o radical, toda oposição é intolerável, até mesmo no âmbito pessoal-familiar ou profissional. A imperiosa necessidade de mudança, de ajuste de nossos padrões vibratórios, mediante práticas morais sadias, a modelagem de uma existência digna, sublimada, estando todos nós vigilantes, atentos à nossa responsabilidade de prontidão ante o chamado da vida, do dia do Senhor.

Vejamos nosso cotidiano, nosso País, o mundo: a explosão de ritmos, faces, folclores, coletividades, buscando safar-se, no mínimo sobreviver, em meio a extrema pobreza, injustiças, trapaças de governantes, indiferenças. São grupos cada vez mais visíveis, incluídos, sob os holofotes mundiais, encarnando uma nova, assomada, sangrada realidade e simultaneamente uma denúncia gritante, ardente e que muitos poderosos não querem ver ou ouvir.

**Livro sugerido:**

**“Posso estar errado” Bjorn Lindeblad**

Nesse mês de julho o  
**BOLETIM SABORES E SABERES**  
completa seu **17º** aniversário.



### Os Templários e o Caminho de Santiago

Mais de 300 mil peregrinos cruzam as rotas em Santiago de Compostela todos os anos. São caminhantes em jornadas de autoconhecimento, esperança, fé, descobertas do mundo. Algo que começou em 813, quando um rei quis conhecer os restos mortais do Apóstolo Tiago.

Pág. 4

### Nenê Retrata

Não foram poucos os rostos eternizados pelas lentes de Alcício Alves Machado, o Nenê Retrata, primeiro fotógrafo de São Tiago. Sua biografia e as marcas que deixou estão em artigo do nosso boletim.

Pág. 6

### Romarias

“Numa remota época as festas que existiam na região eram de cunho religioso e os eventos sociais ficavam voltados para as comemorações em família como batizados, crismas, casamentos, primeiras comunhões, aniversários. Ao falarmos sobre romaria lembramo-nos de Aparecida que no Brasil é um dos principais pontos de peregrinações da fé. Porém, em nossa região as romarias já aconteciam não como a das cidades que são referências no país. Em nossa região eram feitas com intuito de comemorar os festejos de padroeiros”.

Pág. 7

### As visões de Padre Pio

“As aparições para Pio começaram quando ele era ainda uma criança. O pequeno Francisco não falava de suas aparições porque acreditava que elas ocorriam a todas as almas. As aparições eram de Anjos, de Santos, de Jesus, de Nossa Senhora mas, às vezes, também de diabos. Nos últimos dias do mês de dezembro de 1902, enquanto Francisco estava meditando sobre sua vocação teve uma visão. Aqui está a descrição que ele disse, depois de vários anos, ao seu confessor”

Pág. 15

# ADIVINHAS

- 1- Quem tem sempre o mau costume de entrar pela janela?
- 2- Quando um agricultor fica de cabeça para baixo?
- 3- O que é, o que é... quanto mais anda, mais cresce?

Respostas: 1- O Vento; 2- Quando planta banana; 3- Fotoca.

## Provérbios e Adágios

- "Milho colhido tarde não dá palha nem espiga"
- "Quando o jogo de xadrez termina, a rainha e o peão vão para a mesma caixinha"
- Mal de muitos, consolo é.
- Vão-se os anéis, ficam os dedos.
- Trair a troco de qualquer clavinote.



### Para refletir

- Amar o outro é a única salvação individual que conheço; ninguém estará perdido se der amor e as vezes receber amor em troca. (Clarice Lispector)
- Amor é feito espelho; tem que ter reflexo. (Pablo Neruda)
- O conformismo é o carcereiro da liberdade e o inimigo do crescimento.
- "A vida é como um eco. Se você não está gostando do que está recebendo, observe o que está emitindo." (Essência da Vida)

## EXPEDIENTE

### QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu. Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Fabiana Diéle. Coordenação: Ana Clara de Paula Colaboração: Instituto hist. Geográfico de São Tiago. Apoio: Maria Luiza Santiago de Paula Revisão: Fábio Antonio Caputo e Sandra Regina Almeida Caputo Jornalista Responsável: Marcus Santiago – MTB 19.262/MG E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

Realização:



## Sobre a Inteligência Artificial

Da Academia mineira de Medicina 06/06/23

Há uma narrativa em voga por aí sobre essa inteligência artificial. É que tem muitos que temem perder o próprio emprego.

A IA não é bem isso não.

Pelo menos por enquanto.

Xi Jinping disse que o país que conseguir controlar a IA será o povo que comandará o futuro.

Ela é instrumento que o ser humano pode usar para o bem ou para o mal, isso é a verdade.

Entretanto, há uma grande diferença Fundamental. Há limites para a nova ferramenta.

Ela não consegue trabalhar com símbolos nem com intuição, nem com afeto. Tudo isso que caracteriza a Humanidade. O que temos de nobre.

A verdade é que nós estávamos fazendo tarefas repetitivas, cansativas, maquinais que não deveríamos. Essas serão as atividades da IA. O ser humano é mais nobre.

Nós estávamos fazendo o serviço dela e ela veio para nos liberar para a parte mais importante da vida.

Nosso tempo é nobre e o uso dessa força de trabalho artificial será um alívio e uma elevação de espírito para nosotros, os homens e mulheres de boa vontade.

As nossas ocupações serão outras, mais elevadas: as tarefas do Amor!

[www.franciscoreisbastos.com.br](http://www.franciscoreisbastos.com.br)



**NILTON DE OLIVEIRA REIS**

Faleceu no dia 20/06/2023 o Sr. NILTON DE OLIVEIRA REIS, Presidente da COOPERBOM, nossos sentimentos a todos os familiares e amigos. E as homenagens do movimento cooperativista.

Apoio:



## AO PÉ DA FOGUEIRA

### O AUGE DA “DOÇURA”

José Aleluia de Almeida (1894-1969) era proprietário de renomado bar-empório na Av. Cel. Benjamim Guimarães, contíguo ao antigo Cine Odeon, além de reconhecido, igualmente, como exímio doceiro. Seu estabelecimento comercial - ponto obrigatório para moradores, frequentado por famílias e visitantes - mantinha, ao longo do ano, variado e sofisticado sortimento de doces e guloseimas, especialidades da casa – doces de leite, cremes, compotas, pudins, arroz doce, lácteos em geral, cocada, ambrosias, curaus de milho verde, queijadinhas, geleias, beijinhos de ovos, quindins, paçocas, dentre tantos pitéus e acepipes, que atraíam a atenção e sofreguidão geral, em especial da criançada, ali espreitando, avidamente, as lustrosas vitrines. Sabores apetecíveis, irresistíveis, bonsbocados, manjares saborosos, inigualáveis que aguçavam olhares, paladares... Eram expostos e dispostos, ademais, pelas prateleiras doces típicos, confeccionados artesanalmente pelo proprietário e familiares, a partir de frutas frescas, colhidas no próprio quintal ou adquiridas nas adjacências, como doces de figo, laranja, pêssego, abóbora...

Acondicionados em terrinas, com calda especial de açúcar, aromatizados por temperos como cravo, canela, orégano, os doces distribuíam-se ao largo da extensa vitrine, estimulando bocas, estômagos, esgares. Porém, entre a gula dos olhos e, a ação luxuriosa dos braços estendidos, eis um obstáculo intransponível: a vitrine de vidro maciço! E somente liberada com a “chave” do dinheiro, algo raro para a meninada. Quando consumidos, adquiridos com os poucos recursos disponíveis, raspando-se os minguados bolsos das calças curtas infantis, era aquele gosto intraduzível a envolver, todo o ser, céus e terras adocificados e com aquele desejo expresso de “quero mais”. Era, então, questão de prazer, de honra deleitarem-se crianças e adultos com os insuperáveis, sedutores doces do confeitiro Zé Aleluia!

Dentre os inveterados usufruidores de doces, frequentador assíduo do bar, estava Galeto – vamos assim chamá-lo – de conhecida família do meio rural, que vindo periodicamente à cidade, tinha, quase que por único intuito, deliciar-se com os afamados doces disponibilizados pelo estabelecimento de Zé Aleluia. Todo trocado, toda mesada que o pai, a mãe ou avós lhe davam, num átimo, eram destinados à aquisição das guloseimas. Uma obsessão, uma compulsão enfim! Com a adolescência, o pai, próspero e atilado fazendeiro da região da Cruz das Almas (ou Córrego ou Mata das Almas, assim também conhecidos), tantos nomes lhe dão, e lhe deram ao longo dos tempos, vê que era hora de encaminhar, iniciar sexualmente o rebento. Naqueles tempos, a única casa desse gênero era dirigida por D<sup>a</sup> DQ na então rua, sugestivamente denominada de Vai-e-Volta, hoje Marechal Deodoro, acrescido ainda o lupanar com algumas rameiras oriundas de outros rincões, aqui fazendo ponto de fornicação. Época em que alcoices eram restritos a certas dependências ou “zonas boêmias”, ao contrário da liberalidade e libertinagem atual em que a fornicação é aberta, a promiscuidade liberada, um bordel generalizado, sequer respeitando idades, lares e lugares, até mesmo os mais sagrados e consagrados. Ali o jovem vê-se, pela primeira vez, ante os segredos do corpo (do próprio e do feminino), volúpias, desejos acesos, desabrochar de fascínios, abismos em concavidades, convexidades, saciedades - o rasgo de astros, esferas em ardências, o desfolhar de roseirais primaverais, águas prazerosas a se afogarem gansos e remansos... O furunfar, o cerrar a paçoca, o inebriar-se!

Consumado o ato, no auge frenético, em estado de transe e glorificação, o rapaz sai aos gritos da alcoice, assustando frequentadores, demais mulheres do ofício, toda a vizinhança, proclamando heroicamente:

- Nunca mais vou comprar e saborear os doces do Zé Aleluia. Achei agora coisa muito melhor, muito mais deliciosa...



**NOTA:** Sr. José Aleluia de Almeida, nascido em 1894, filho de Vitorino de Almeida e Maria Adelfina do Espírito Santo, faleceu em São Tiago aos 04-08-1969, aos 75 anos. Nossos agradecimentos ao cartório local e a Prof<sup>a</sup> Sandra Regina de Almeida (neta) pelas informações. Casado com D<sup>a</sup> Francisca de Paula Sampaio (1894-1938).

Casal com 14 filhos:

1. José Lorival Sampaio (1913-1976)
2. Francisco José de Almeida (1915-1927)
3. Lavinia da Conceição de Almeida (1917-1981)
4. Jayme José de Almeida (1919-1970)
5. Jurandir José de Almeida (1921-...)
6. Jandir José de Almeida (1924-1992)
7. Jalciro de Paula Almeida (1926-2003)

8. Jalcira da Conceição de Almeida (1928-2021)
9. Jurani José de Almeida (1930-2004)
10. Jurema da Conceição de Almeida (1932-...)
11. Jair José de Almeida (1934-1982)
12. Pedro José de Almeida (1936-1938)
13. Maria da Conceição de Almeida (1938-1938)
14. Jurani José de Almeida

# MESTRE TIAGO E A CONSTRUÇÃO DO TEMPLO DE SALOMÃO

Antigas tradições, em especial dos povos lígures e celtas, referem-se a Mestre Tiago, célebre e exímio talhador de pedras, que convocado por Hiram, participou ativamente da construção do primeiro templo de Jerusalém (Templo de Salomão), aproximadamente 900 a.C.<sup>(1)</sup> tema tratado na Bíblia em I Rs 6. Sabe-se que centenas ou milhares de trabalhadores, recrutados pelos construtores fenícios, (estes reconhecidos como os mais famosos navegantes da Antiguidade) em diversas partes do Mediterrâneo, inclusive na Ibéria e aos confins das Colunas de Hércules (Atlântico) participaram da edificação do templo salomônico. Mestre Tiago era pirenaico, nascido na aldeia de Carte e que se aperfeiçoara refinadamente no talhe da pedra desde os quinze anos.

Outro lendário construtor do Templo, Pai Soubisse, é representado com uma túnica bure (cor de cobre), por profissão arquiteto, teria retornado à França, após desentendimentos com Mestre Tiago.

Segundo a Bíblia, Salomão – ao construir um templo para guardar a Arca da Aliança – não dispoñdo de obreiros suficientes ou habilitados (os judeus eram inicialmente pastores, pouco aptos para a construção) recorreu a Hiram, rei de Tiro (Fenícia, hoje Líbano) que dispunha de obreiros especializados em trabalhos com pedra, madeira e metal. Hiram enviou, então, a Salomão, seu mais competente mestre construtor Hiram Abiff e os mais qualificados artífices, requisitados em toda a região de influência fenícia. Assim, Mestre Tiago e companheiros – que já trabalhavam com Hiram Abiff – foram responsáveis, dentre tantas tarefas pela edificação das colunas Boaz e Jaquim que ornamentavam a entrada do fulgurante templo.

Jaquim é traduzido na Bíblia por “aquele que consolidará”, mas na língua basca significa “sábio”<sup>(2)</sup>. Filólogos deduzem que “jakin” (sábio)

possa ter se desdobrado em “jacques” “jakinak” formas anômalas de “Tiago”. Em basco, “jaun” significa “senhor”, enquanto “joaki” indica o viajante, aquele que marcha ou está em deslocamento (“jars”, palavra provavelmente de origem lígure ou celta, com o sentido de “viajante”). A palavra “boaz”, por sua vez, significa bíblicamente “Nele está a força”. Como muitos estrangeiros trabalhavam na edificação do templo, Hiram deu-lhes um sistema de sinais ou práticas, aplicáveis à construção, de forma que os obreiros não necessitavam recorrer a uma linguagem articulada. Era um sistema de relações em círculos ou comunicados ritualizados que passaria à história como o “pêndulo de Salomão”. A tradição de construtores persistiria mesmo na Idade Média entre os visigodos e moçarabes como os “filhos do Mestre Tiago”. Os romanos, por sua vez, denominam pejorativamente os bascos, em sua maioria camponeses e montanheses, como “tiagos” ou “pedzouilles” (“pés de ganso”).

São Tiago, Maior, por sua vez, foi o primeiro apóstolo a derramar o sangue pela Boa Nova no ano de 44 d.C.; grande amigo e discípulo de Jesus, viveu com destemor e fidelidade o seu ministério. Conta a lenda que, antes de ser martirizado, abraçou o carcereiro e alçou, dizendo “A paz seja contigo” É o padroeiro dos peregrinos, veterinários, equitadores, farmacêuticos, alquimistas. Evangelizador e padroeiro da Espanha segundo a tradição. Ousado, intrépido, por vezes intempestuoso, presenciou muitos dos milagres de Jesus, dentre eles o da transfiguração. Dezenas e dezenas de milagres são-lhe igualmente atribuídos, dentre tantos resgates de prisões, ajuda a peregrinos e viajantes em dificuldades, salvamentos em situações de afogamentos etc. Padroeiro de inúmeras cidades em várias partes do mundo, dentre elas São Tiago / MG.

## NOTAS

(1) Segundo arqueólogos, Jerusalém foi fundada por volta de 3.200 a.C provavelmente por povos cananeus. Seu nome original era Rushalimun (“Shalem fundou”), sabendo-se que Shalem era/fora um dos principais deuses da mitologia cananeia. A cidade passaria por tempos ao controle de egípcios e no século XV a.C a região seria invadida pelos povos hurritas, de origem mesopotâmica, sob a liderança de um chefe de nome Abdi-Hepa.

Entre os séculos XIII e XII a.C, foi conquistada pelos jebus, até que no século X a.C seria conquistada pelo Rei Davi e transformada na capital do povo hebreu. Davi determinou a construção de um grande templo, o que seria realizado por seu filho Salomão por volta de 950 a.C Após a

morte de Salomão, a cidade, ao longo dos séculos, passaria às mãos de inúmeros povos conquistadores como assírios, caldeus, persas, macedônios, romanos, bizantinos, árabes, cruzados, turcos, ingleses e atualmente acha-se sob a posse do Estado de Israel.

(2) O idioma basco falado no norte da Espanha, não tem similaridade com os demais idiomas europeus e mesmo orientais. Um enigma para os linguistas e estudiosos, até os dias atuais.

**Recomendamos, a respeito, a leitura das obras “Santiago de Compostela – enigma e tradição”, autoria de Louis Charpentier, “As moradas filosofais” autoria de Fulcanelli.**

## Os Templários e o Caminho de Santiago

O Caminho de Santiago tem suas origens na primeira jornada feita pelo rei Afonso II no ano de 813 para reconhecer os restos mortais do Apóstolo Tiago, encontrado num antigo cemitério romano no Bosque de Libredón. Em pouco tempo o Caminho de Santiago se desenvolveu levando milhares de peregrinos ao sepulcro de Santiago.

A primeira sede dos cavaleiros templários, a Mesquita de Al-Aqsa, em Jerusalém, o monte do Templo. Os cruzados chamaram-lhe de o Templo de Salomão, como ele foi construído em cima das ruínas do templo original, e foi a partir desse local que os cavaleiros tomaram seu nome de templários.

Reis e membros do clero começaram a construir abrigos, estradas,

pontes e hospitais para facilitar a peregrinação daqueles que estavam a caminho de Santiago de Compostela. Mesmo assim os peregrinos tinham que enfrentar muitos assaltantes, e é aí que uma ordem, famosa



em alguns aspectos, mas também envolta em mistério, aparece: a Ordem dos Cavaleiros Templários.

Os Templários, oficialmente a “Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão”, eram uma ordem militar cristã durante a Idade Média, fundada no início do século XII por nove cavaleiros franceses, cuja missão era patrulhar o caminho para Jerusalém e proteger os peregrinos após sua conquista na Primeira Cruzada.

O poder dessa ordem cresceu rapidamente graças a vários fatores, embora a principal razão seja o fato de eles gerenciarem a numeração árabe enquanto o resto da Europa ainda estava usando a numeração romana, o que lhes permitiu desenvolver seus conhecimentos de aritmética, geometria e trigonometria, e seria aplicado para criar um sistema



que seria um antecessor do sistema bancário que temos hoje. Isso acabaria sendo usado para enganá-los e torná-los inimigos daqueles que acabariam destruindo-os: Mas isso é outra história para outro post. Vamos agora focar no que os Cavaleiros Templários deixaram no Caminho.

Quando o Caminho de Santiago começou a ganhar importância e a atrair cada vez mais peregrinos, os Templários perceberam que essas pessoas também precisavam da sua proteção e acabaram se instalando em vários pontos.

Ainda hoje pode-se ver algumas construções que marcam a presença da Ordem dos Templários no Caminho de Santiago.

## ERMIDA DE EUNATE

Próxima a Puente La Reina, onde “todos os Caminhos se encontram”, ainda no Caminho Aragonês e isolada no campo, a igreja românica de Santa Maria de Eunate tem atraído, ao longo dos tempos, a curiosidade dos peregrinos.



Embora não exista documentação para provar conclusivamente as origens templárias desta igreja, há certas características que nos levam a crer que os Cavaleiros Templários tinham algo a ver com sua construção: desde a sua planta octogonal (típico da construção templária) até sua suposta similaridade ao Domo da Rocha em Jerusalém, situado no templo do rei Salomão, onde os templários tiveram sua primeira morada.

A Igreja está rodeada por uma arqueria octogonal exterior, que cumpre a função de claustro. A cúpula denota uma influência muçulmana, própria do sincretismo cultural que caracteriza o Caminho de Santiago.

Parece ser que a Igreja também funcionava como um farol de orientação para os caminhantes, através de uma espécie de lanterna localizada na torre, dentro da qual se mantinha aceso o fogo que servia de ponto de referência para o peregrino.

O que não há dúvidas, é que a igreja cumpria a função de cemitério de peregrinos, graças aos enterramentos encontrados com a concha, símbolo dos peregrinos do Caminho de Santiago.

Existem diversas lendas e histórias a respeito desta pequena e bela igreja. Entre elas está a interessante lenda dos pórticos gêmeos, recheada de figuras folclóricas da região.

## IGREJA DO CRUCIFIXO

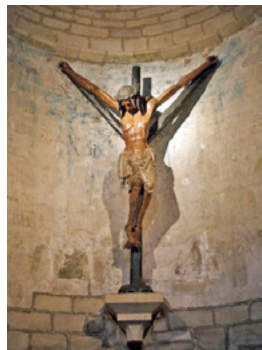
Em Puente la Reina, no início do Caminho Francês, encontramos esta igreja que remonta ao final do século XII e foi fundada pela ordem dos Cavaleiros Templários sob o nome de Santa María de los Huertos. A parte original é em estilo românico, coisa que no Brasil não temos, e mais tarde, no século XIV outra nave de estilo gótico foi erguida.



Do lado de fora se destaca a existência de uma passagem coberta ligando o templo ao antigo hospital de peregrinos.

No interior, existe um misterioso crucifixo de grandes dimensões e na forma de um Y, considerado uma das melhores obras de imagens góticas preservadas na Espanha.

Embora seja atribuída uma possível origem templária, não há dados para confirmá-la, uma vez que o primeiro documento que se refere a esta peça data de 1325 e a Ordem do Templo foi extinta em 1312. Uma lenda conta que o crucifixo foi doado por alguns Peregrinos alemães que, ao voltarem de Santiago, agradeceram o bom tratamento recebido no hospital de peregrinos de Puente la Reina ao presentear a igreja com a cruz que eles carregavam nos ombros durante a peregrinação.



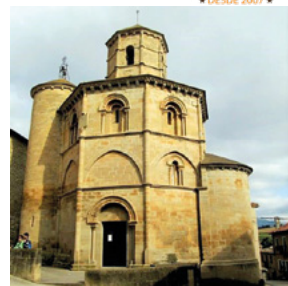
## IGREJA DO SANTO SEPULCRO

A igreja que mais se assemelha a Santa Maria de Eunate é a também poligonal igreja de Torres del Rio, igualmente situada em Navarra, mas que não apresenta a arqueria exterior.

Construída sob uma estética claramente românica, esta igreja também serviu como farol para os peregrinos no Caminho.

Sua origem templária é muito mais reconhecida do que a Ermida de Eunate, uma vez que existem vários documentos ligando essa igreja à Ordem, além de outras descobertas, incluindo corpos enterrados em torno da igreja usando trajes típicos templários.

E se você passar por lá e ela estiver fechada, dê uma olhadinha no papel fixado na porta da Igreja, ali estará a indicação de onde está a chave para você entrar.

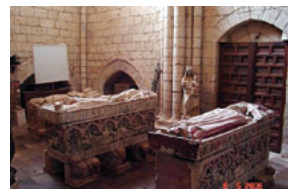


## IGREJA DE SANTA MARIA DA BLANCA

Em Villalcazar de Sirga, os Cavaleiros Templários fundaram no século XIII o magnífico templo de Santa María de la Blanca, de estilo de transição do Românico para o Gótico.

Foi um dos centros religiosos mais importantes do Caminho de Santiago e até hoje ser reconhecida pelo seu grande valor artístico.

Os elementos mais destacados são o conjunto escultural da portada, do século XIII, a coleção de túmulos policromados no interior, gótico dos séculos XIII e XIV e o retábulo gótico dos séculos XV e XVI.



## IGREJA DE SAN JUAN

Com restos românicos em sua base e localizado ao longo do Caminho de Santiago próximo a Castrojeriz, este imenso templo colunar de 3 naves pertencia aos Templários antes de passar para a Ordem dos Hospitalários, uma vez que a Ordem dos Templários foi extinta.

Igreja Paroquial de Rabanal del Camino

Nesse caso, não estamos falando apenas da igreja, mas também da cidade de Rabanal del Camino, de origem puramente templária: resultado de um avanço da Ordem de Ponferrada, que buscava proteger os peregrinos que atravessavam as montanhas de Leon até Bierzo. Nesse sentido, a Igreja Paroquial não se destaca apenas por suas origens templárias, mas também por ser um dos poucos exemplos remanescentes do românico leonês.

## O CASTELO PONFERRADA

Em 1178, Ponferrada tornou-se um sujeito da Ordem do Templo, graças a uma doação dos reis leoneses. Quando os templários chegaram lá, encontraram uma pequena fortaleza, que anteriormente servia como um forte romano. A partir daí começou uma série de expansões que serviriam para transformar o complexo em defesa do Caminho, que terminaria apenas em 1282 (o que vemos hoje tem muito mais reformas feitas ao longo dos séculos).



Todo ele é um criptograma em pedra repleto de signos, símbolos e vinculações astronômicas que fazem o delírio de muitos amantes dos Templários e dos seus ritos iniciático.

Há quem acredite que a Ordem resgatou dos subterrâneos das ruínas do Templo de Jerusalém, a “Arca da Aliança” ou o “Santo Graal” e que depois desta missão reuniram-se no Concílio Ecumênico de Troyes em 1128 para fundar oficialmente a Ordem para esconder esses tesouros. Especulações dizem que o local escolhido foi o Castelo de Ponferrada.



Também existe uma lenda sobre Jack de Molay (ou Tiago de Molay), o último Grão Mestre Templário. Ele teria deixado sua espada como oferenda no Castelo de Ponferrada quando ele fez o Caminho de Santiago.

Esses monumentos sobreviveram por séculos e viram milhões de peregrinos passarem em direção à Santiago de Compostela. Lendas e mistérios sempre envolveram os Templários.

# Alício Alves Machado

## o Nenê Retrartista

Nasceu em 20 de novembro de 1923, na Fazenda Espadilha, município de Oliveira, e faleceu em 14 de março de 1965, São Tiago, onde residia desde 1947. Era filho de Alice Alves dos Santos e Adolfo Alves Machado, o quinto de nove irmãos. Casado com Nadir Antônia da Silveira, pai de seis filhas e um filho.

Vovô Adolfo e os filhos trabalhavam em serviços braçais (lavourea, moagem de cana, fabricação de polvilho, açúcar) no terreno de um fazendeiro, serviço inadequado para o Nenê, que padecia com asma, mas ele queria e precisava trabalhar. Então conseguiu aprender a profissão de “retrartista”, com o Sr. Miguel Resende, em Oliveira.

Ele participava dos festejos nas capelas rurais; os jovens gostavam de tirar fotos com os amigos, os namorados, as moças exibiam seus vestidos novos... Os fazendeiros chamavam-no para fotografar seus belos animais sozinhos ou com familiares. Ele ia a cavalo, levando os “apetrechos” em alforjes.

Em abril de 1947, casou-se e veio morar em São Tiago. Pai de sete filhos: Ivone, Ivam, Irone, Inês, Ivanilda, Iracilda e Istefânia. Exercia a profissão na cidade, ia às festas nas capelas rurais: religiosas, casamentos, encontros de família, eventos diversos.

Nenê retrartista foi um bom pai, exigente na educação dos filhos; as meninas não podiam usar roupas curtas nem sem mangas, tinham horário para voltar pra casa, todos os domingos eles iam à missa, se desobedecessem, o castigo era certo: privação de algo que gostavam, ficar ajoelhado por algum tempo, quando não apanhavam com a “correia” que ele usava segurando a calça.

Os dois primeiros filhos ajudavam muito o pai no processo de revelação das fotos: aparos, entregas e indo com ele aos eventos (casamentos, reunião de família, batizados etc.) a fim de carregar os apetrechos que compunham a máquina fotográfica que era montada no local.

Ele chiava direto, cansava com facilidade quando caminhava porque a asma se agravava cada vez mais. Usava medicamentos diariamente para aliviar as crises, mas a cura não aconteceu.

Nenê teve algumas manias como: usar cavanhaque por um tempo; deixou o bigode crescer muito; depois a barba crescer muito. Ele mantinha as unhas grandes, mas era para facilitar no manuseio de confecção das fotos; as fotos eram aparadas com a tesoura, depois comprou uma aparadora de fotos, que dava um tom diferente, as fotos ficavam mais repicadas.



Da esquerda para a direita: Nenê Retrartista, Maurício Jéfferson e Tiago do Béco

Nenê retrartista era um homem bom, participava da Diretoria da Irmandade de Santo Antônio, tinha muitos amigos, gostava de passear (foi a Goiás conhecer seus avós maternos), amava a vida, deixou muita saudade.



Informações recebidas dos familiares.

## BIOGRAFIA DE ALÍCIO ALVES MACHADO

Alício Alves Machado nasceu em 20/11/1923, filho de Adolfo Alves Machado e Alice Alves dos Santos. Casou-se com Nadir Antônia da Silveira em 19/04/1947. Tiveram sete filhos: Ivone Alves Silveira, Ivan Alves Silveira, Irone Alves Silveira, Inês Alves Silveira, Ivanilda Mônica Alves, Iracilda da Consolação Alves, Istefânia Agustinha Alves.

Sua residência: Praça Milton Campos, 124, Cerrado, São Tiago. Sempre morou em São Tiago, no endereço supracitado.

Foi o primeiro fotógrafo da cidade. Aprendeu a profissão em Oliveira, com o Sr. Miguelzinho, pai de Eliseu Resende (ex-político mineiro). Ficou mais conhecido como Neném Retrartista. Por motivo de doença, “asma cardíaca”, veio a falecer com apenas 41 anos de idade em 14/03/1965. Por ironia do destino ou vontade de Deus, seu pai, Adolfo Alves Machado, faleceu no mesmo dia com 72 anos de idade.

Neném Retrartista deixou um vasto legado de amizade, histórias, memórias de “causos” e inúmeros registros fotográficos de recordação espalhados pelos lares da região em função do seu trabalho. Dentre elas, de registro próprio junto a companhia de alguns conterrâneos santiaguenses, as fotos de inauguração de nossa Capital Federal, Brasília.

## ROMARIAS ANTIGAS DA REGIÃO

Numa remota época as festas que existiam na região eram de cunho religioso e os eventos sociais ficavam voltados para as comemorações em família como batizados, crismas, casamentos, primeiras comunhões, aniversários.

Ao falarmos sobre romaria lembramo-nos de Aparecida que no Brasil é um dos principais pontos de peregrinações da fé. Porém em nossa região as romarias já aconteciam não como a das cidades que são referências no país. Em nossa região eram feitas com intuito de comemorar os festejos de padroeiros. As comunidades em dias anteriores, organizavam o novenário e nos entornos das igrejas matrizes montavam as barracas que completavam a parte social da festa. Havia quermesses, bailes em salões, almoço em família.

O dia do padroeiro ou da padroeira era um dia alegre, festivo, solene e movimentava a todos. Semana antes da festa, faziam-se biscoitos, matava-se porco para guardar a carne na banha e oferecer quem viesse na casa; mandava fazer roupas, arrumava a casa para receber com mais conforto familiares, amigos e visitantes. Tudo era muito esperado com gosto por todos. As comunidades próximas a cada cidade iam rezar, passear, rever amigos e comprar algum item que não havia comumente no pequeno comércio das localidades. O dinheiro que se gastava era juntado ao longo do ano com a venda de lenha, panha de café, retiro, trabalhos braçais, domésticos e outros.

Cada comunidade com suas manifestações, ritos e organização litúrgica fazia o melhor e mais bonito. Os que se identificavam com o padroeiro ou padroeira iam fazer suas preces, orações, pagar promessas em carros compartilhados ou lotações que eram feitas. Ao longo do dia missas solene, cantada, festiva. Altares e andor todo ornamentados para marcar o dia principal.

Durante o ano o itinerário dos festejos começava em 22 de maio com a Festa de Santa Rita de Cássia, em Ritópolis; junho Festa da Santíssima Trindade, em Tiradentes; (24) Festa de São João Batista, em Morro do Ferro; julho (25) Senhor São Tiago; Agosto (15) Nossa Senhora da Glória, em Passa Tempo; Setembro: (08) Nossa Senhora de Nazaré, em Nazareno; (14) Jubileu do Senhor Bom Jesus, em Congonhas do Campo e (24) Nossa Senhora das Mercês, em Capelinha.

Nos dias do padroeiro/padroeira havia pessoas de todos os lados. A Festa em todas as localidades era considerada a festa da fé, da inclusão, do amor e da acolhida a todos. Momento sublime de espiritualidade e contemplação. Todos congregando entorno da

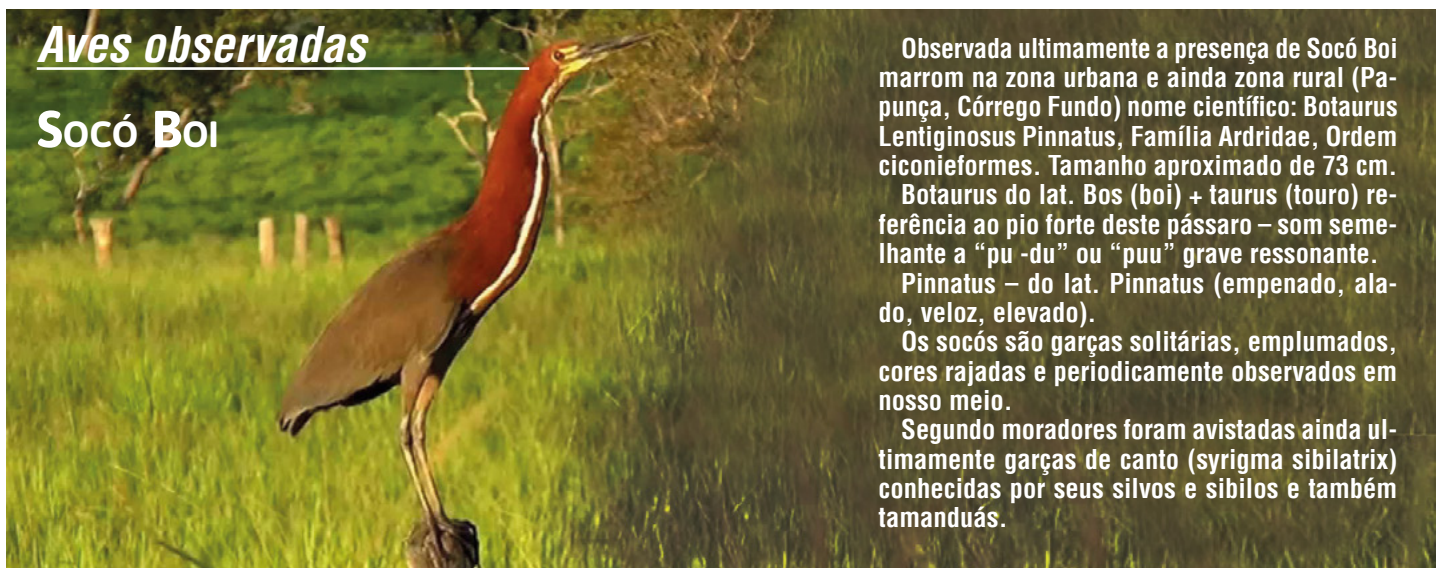


santidade e do testemunho de vida e fé vivido por cada padroeiro/padroeira. Crianças, jovens, adultos de diversas classes sociais e idades se faziam presentes unidos pela mesma fé, trazendo no coração seus desejos; pedindo, agradecendo, louvando e confiando a Santíssima Trindade, ao Bom Jesus suas intenções por intercessão de Rita, João Batista, Tiago Maior, Senhora da Glória, de Nazaré e das Mercês.

**Marcus Santiago**  
Membro do IHGST

### Aves observadas

#### Socó Boi



Observada ultimamente a presença de Socó Boi marrom na zona urbana e ainda zona rural (Papunça, Córrego Fundo) nome científico: *Botaurus Lentiginosus Pinnatus*, Família Ardridae, Ordem ciconieformes. Tamanho aproximado de 73 cm.

*Botaurus* do lat. *Bos* (boi) + *taurus* (touro) referência ao pio forte deste pássaro – som semelhante a “pu -du” ou “puu” grave ressonante.

*Pinnatus* – do lat. *Pinnatus* (empenado, alado, veloz, elevado).

Os socós são garças solitárias, emplumados, cores rajadas e periodicamente observados em nosso meio.

Segundo moradores foram avistadas ainda ultimamente garças de canto (*syryigma sibilatrix*) conhecidas por seus silvos e sibilos e também tamanduás.

**02/07/1923 – 200 ANOS DE INDEPENDÊNCIA DA BAHIA.**

# A CASA DA VÓ GERALDA

***"Existem Mundos Perdidos. Com certeza existem. Se antes eram a nossa realidade, o dia a dia da nossa vida, depois, por alguma interseção, algum desvio ou interrupção na história, migram para cantos isolados e perdidos da memória. Não necessariamente morrem, mas ficam escondidos esperando que sejam lembrados enquanto existirem quem neles viveram ou surjam outros que se importem e queiram conhecê-los."***

A última parada nesta peregrinação por Mundos Perdidos, no que diz respeito especificamente a lares, será a Casa da Vó Geralda. Seu endereço era no grande Largo da Matriz de São Tiago onde foi instalada pela Telemig uma estrutura para equipamentos e antenas em uma parte do terreno da família desapropriada e doada pela prefeitura em 1974. Ali foi a principal residência de meus avós maternos, Sr. João Luiz de Freitas, de apelido "Grilo", e Geralda Maria de Jesus. Anteriormente a família morava nas redondezas do cemitério até que entre o final da década de 40 e início da década de 50, aproximadamente, o destino fez uma daquelas maquinações que só ele sabe fazer com a vida dos outros. O meu avô, Grilo, comprou a casa do Largo na mão do Sr. José Aleluia, avô de minha esposa Sandra. Esta casa ficava entre a casa do Sr. Beco, pai do conhecido Tiago do Beco, e o Grupo Escolar Afonso Pena Jr.

FOTO ENCONTRADA NA INTERNET



Casa da Vó Geralda e do Grilo

Vó Geralda era filha do casal João Mateus de Almeida, homem sério e carrancudo, e sua esposa Dinha. Moravam onde hoje funciona a loja da Rede Zema, no bairro do Cerrado. Ser chamado de João Mateus no lar em que fui criado significava uma crítica a estar com uma cara feia e fechada. Para os que podem se lembrar, uma referência: minha avó era irmã do Inhô do Bandolim. Com sua estatura esmirrada, profunda timidez e um chapuzinho constante era uma dessas figuras peculiares que as cidades pequenas inventam para vagar por suas ruas. Morou com os pais enquanto viveram, sendo superprotegido. Não se sabe de trabalhos que tenha feito na vida, mas aprendeu a tocar bandolim e, pelo que consta, era bom no que fazia. Acompanhava musicalmente as folias de reis e o grupo que tocava nos bailes da Garagem.

O Grilo, meu avô materno, experimentou várias atividades profissionais com coragem. Talvez uma herança de sangue tenha feito com que ele seguisse a trilha aventureira de seu pai, Luiz de Freitas, que foi estafeta, agente do correio a cavalo, fazendo entregas até nas remotas terras de Goiás. O Grilo foi domador de cavalos e mulas sabendo também trocar ferraduras, mascate, considerado um bom caçador de codornas e comerciante. Sua última atividade foi ser caminhoneiro. E como tal faleceu em pleno Largo da Matriz ao tentar reparar o pneu do seu caminhão, o que causou extre-

ma comoção na comunidade pelo caráter público e sem nenhuma intimidade de sua morte, tendo seu filho menino João ao seu lado, numa contingência cruel.

A circunstância tem explicação no fato de que em tempos mais antigos, com certeza hoje não mais, os pneus de caminhões eram montados com um aro metálico tensionado para manter a estabilidade do conjunto de rodagem. De vez em quando este aro se soltava com o esforço aplicado na montagem e projetava-se ao ar perigosamente como um arma voadora letal. Meu avô foi atingido na cabeça. Minha cunhada, Vanda do Jandir, diz se lembrar com nitidez os acontecimentos subsequentes: o horror, o desespero, o ferimento avassalador, as pessoas chegando sem nada poder fazer e tudo girando loucamente até que a vida cessa e cessa também o movimento.

O espírito destemido do Grilo pode ser encontrado em um relato oral de minha mãe, crédito que me basta, durante uma de suas internações em quarto de hospital. Certa vez uma gata espantada, enfezada e com possibilidade de estar contaminada por raiva, mordeu a filha caçula Maria das Dores. O Grilo foi a pé até São del Rei para conseguir remédio, vacinas. Conseguido o objetivo e ao empreender a volta, provavelmente debilitado, foi socorrido por um proprietário rural da região da Usina que lhe forneceu com generosidade um cavalo para terminar a jornada.

Para a Vó Geralda o resumo é mais simples. Era ser mãe. Era cuidar da família com muito esforço e trabalho sem que isso transparecesse na sua cara redonda e saudável. Venceu a carestia dos tempos pós-guerra e o desamparo quando viúva. Mas existia tempo pra fazer doce de goiaba em caixeta, bicos de bala com aqueles moldes de chumbo (atentado à saúde nos dias de hoje) e levar o lanche para os filhos no grupo escolar passando a matula da própria horta por sobre a divisa.

A fachada da casa era singular, até mesmo para o casario de antigamente. Muitas portas, cinco, e poucas janelas, duas. Restam poucas deste tipo. Em São Pedro da Carapuça, pertinho da capela, a casa que foi do Felício Caputo, onde agora seu filho Romualdo (Roma) mantém um bar, é um bom exemplo.

Seguindo pela rua, sentido prefeitura para a igreja, a casa começava com duas janelas guilhotina do quarto principal e a porta da frente da residência, levemente acima do nível do passeio e servindo a uma pequena sala de recepção.

As duas portas seguintes eram de um ponto comercial mantido por meu avô, mais ou menos uma espécie de armazém tipo "secos emolhados" que fornecia tecidos, bebidas, conservas e embutidos.

Com uma sinuca ou bilhar e servindo pequenas doses de bebida o ambiente se configurava mais como um espaço social para convívio e nem tanto como bar tradicional. Após a morte do Grilo o negócio foi encerrado e o cômodo foi repassado por aluguel ao Sr. Vicente Mendes que ali mantinha um depósito de sacarias e outros produtos.

A porta seguinte era o telefone público municipal. Lá trabalhavam minha tia Emirene, filha da casa, e a Sra. Marina, conhecida como Marina do Telefone e tia do Sr. Vadinho, pilotando um imenso e ameaçador telefone de parede, preto e de disco, não poderia ser mais obvio, na missão quase impossível de conseguir linhas e comunicação com os poucos telefones esparramados pela região. A última porta era talvez uma espécie de pequeno puxadinho, telhado mais baixo, já na divisa com o grupo escolar. Era a sapataria do Sr. Gustavo, onde o seu neto, Antônio Mansueto, filho do Inácio Caputo, aprendeu o ofício de sapateiro e oferece o seu trabalho à cidade, com a sua habitual cortesia, até hoje.

O terreno da casa era enorme, o que é comum no Largo da Matriz. Quase chegava à Rua São José. Herança da São Tiago antiga, com sua existência quase rural.

A minha mãe, Geralda como minha avó, foi uma menina levada



apelidada familiarmente de Ladica. Por ser levada e para fugir do rigoroso controle materno gostava mais da companhia do pai. Essa afinidade fazia com que frequentasse o comércio onde, com curiosidade, espanto ou gosto, tomou conhecimento da existência de produtos exóticos, principalmente enlatados, conservas e salgados, tão incomuns na vida cotidiana de uma cidadezinha do interior em tempos passados e que provavelmente nunca iriam para a própria cozinha. Deve também ter aprendido por que em tempos de vacas magras e escassez de recursos algo tão simples como o arroz tornava-se inacessível sendo substituído pelo angu.

O Largo da Matriz, em frente a casa, também levanta algumas questões. Antes do paisagismo e jardinagem atuais o que existia era um terrenão onde partes em grama rústica e partes em terra nua brincavam de fazer um mapa inventado a esmo. De minha parte, até onde consigo a convencer a mim mesmo e se não for uma cilada da memória, existe a lembrança de grandes blocos de pedras que sobram da demolição da antiga Igreja do Rosário, que ficava em frente ao que hoje é o prédio da Prefeitura Municipal. Minha mãe faz um relato que informa ser este gramado apinhado de canarinhos, ciscando com a ingenuidade da época. Entretanto, não houve misericórdia. Grande parte foi capturada para comércio e levada à venda em outros centros, num ritmo abusivo, destrutivo e predatório. A invasão dos pardais que viria a seguir completou o serviço. Felizmente, hoje, é possível ver sem muita dificuldade casais destes bichinhos monogâmicos encantadores. E finalmente, um registro de memória sem rastreamento, indicação de origem e certeza de veracidade. Em 1910 grupos de pessoas iam se assentar no gramado do Largo ao entardecer para apreciar o aparecimento e passagem do Cometa Halley. Teria sido maravilhoso e inesquecível, o que muito ajudou a aumentar a decepção decorrente da passagem de 1985/1986, sem graça e quase invisível. Por um instante tentei achar que isto foi relatado por minha mãe e ela estaria no gramado, mas, a visita do Halley não bate com a data de nascimento dela. Se isto foi realmente vivido por alguém, não importa quem, por si só é algo reconfortante e uma imagem linda para se criar na mente.

ARQUIVO FAMILIAR



Vô Grilo e Vô Geralda

A viuvez trouxe obviamente uma grande dificuldade de sobrevivência para minha avó e seus filhos, ainda mais sendo a família muito grande: Pedro, José, João, Moisés, Barbara, Lourdes, Emirene, Geralda, minha mãe, e a caçula Maria das Dores. As filhas começaram a se casar e seguir sua própria vida. Os rapazes partiram para “as cidades grandes” à procura de trabalho. Com o tempo, os que migraram para Belo Horizonte levaram a mãe e as irmãs Maria e Emirene para cuidarem e tê-las mais perto. Em Belo Horizonte a vô Geralda passou uma boa quadra de sua vida e ali faleceu.

Creio na hipótese de que as dificuldades vividas pela família em sua fase final em São Tiago, com viuvez, orfandade mais doses de

sofrimento inclusive, deixaram algumas marcas mais profundas que o desejável em todos eles. Em sequência uma sensação de profundo desgosto emergiu do fato de que o terreno da família sofreu duas desapropriações levadas a cabo pelo poder público de uma maneira pouco amistosa, no mínimo. Parte da propriedade foi encampada pelo Grupo Escolar Afonso Pena para aumento da área de pátio e a frente do lote, localizado em ponto nobre da cidade, foi cedida à Telemig para construção das instalações ainda existentes. Ainda no âmbito de hipótese, creio também que o conjugado destes dois fatores injetou na maior parte da família certo grau de ressentimento e uma necessidade de desvincular suas histórias pessoais com a cidade natal. Com exceção de minha mãe, que aqui morou, e do tio João do Grilo e tio Zé do Grilo todos os outros que partiram não mantiveram contato com São Tiago. Entretanto, eles viveram a vida, experimentaram o que ela propôs e os sentimentos que passaram por suas almas, mesmo sendo ressentimentos, são de sua completa alçada não cabendo avaliações e conjecturas alheias.

Como uma casa de construção peculiar esta proporcionou um legado de memórias e sensações estranhas lado a lado com lembranças do mais puro apelo afetivo. Havia um toque perene de, não escuridão, e sim sombras contínuas devido à deficiência de iluminação. Os efeitos das janelas da fachada morriam nas primeiras paredes. Lateralmente, de um lado a divisa com o Senhor Beco e do outro a existência dos cômodos comerciais também impossibilitavam outras fontes de luz. As janelas do fundo da casa, quarto grande, salão e cozinha, eram os únicos recursos de claridade. A luz vinha da grande horta de couve com certo ar filtrado de frescor e se angulação do sol contribuísse surgiam fachos e volumes de luz com partículas da natureza em suspensão. Em um cantinho ainda mais escuro da cozinha ficava uma bilha de barro para manter fresca a água. Ainda na cozinha, o centro nevrálgico de toda nossa cultura interiorana que rege como deve ser a constituição de um lar, o sabor de feijão com abobora madura de então ainda hoje é reencontrado como uma gostosura perpétua. A existência de dois quartos de dentro no quarto principal causava perplexidade. Um menino se esgueirando e se escondendo na porta da frente para jogar carrapicho do tipo picão nos transeuntes no passeio é uma parte minha que ali foi desenhada. É bom imaginar que pelo menos em um instante da vida fui um menino que fazia arte.

A vida sugere ser algo bastante aleatório, mas é surpreendente como famílias e casas separadas pelo tempo, distância e sem contato de parentesco repetem certos padrões. De modo similar ao ocorrido com a Casa da Vô Nhanhã do Sapecado a viuvez prolongada fez a matriarca dar nome a casa. Da mesma forma, tempos após o esvaziamento da casa e o abandono do imóvel, este foi demolido.

Informação complementar final: este texto foi composto a primeira vez na forma de manuscritos em papel rascunho, lembretes nos cantos de páginas, frases soltas e palavras de efeito mnemônico nos dias finais de 2022 e no início de 2023, durante as últimas e várias internações hospitalares de minha mãe. O tempo ocioso típico da função de acompanhante de enfermo contribuiu e incentivou a sua elaboração. A presença próxima de minha mãe, Dona Geralda, lúcida como sempre, era fonte para angariar informações sobre pessoas, fatos, lugares e acontecimento, corrigindo possíveis desvios e erros. Se tivesse digitado o texto e perdido o arquivo eletrônico seria algo ruim, mas, não tão ruim quanto perder o instante, não seguir com o processo de criação ainda quando os sentidos e as informações estavam mais nítidos e o foco bem definido. Resta-me escrevê-lo novamente e definitivamente, quase uma obrigação, agora que minha mãe partiu. Sem sua participação o novo texto será certamente menor, mais desprovido de referências, mais pobre de lembranças e talvez apresente algumas imprecisões, mas ainda assim necessário às novas circunstâncias. Minha mãe, Dona Geralda, deve estar viajando para reencontrar o Mundo da Casa da Vô Geralda, sua mãe.

**Fabio Antônio Caputo,**  
**Engenheiro civil aposentado e neto da Família Freitas**

# DE POETA E LOUCO TODOS TÊM UM POUCO



## SANJOANIDADES

MESTRE NÃO É QUEM SEMPRE ENSINA,  
MAS QUEM DE REPENTE APRENDE  
[Guimarães Rosa: Grande Sertão: Veredas]

## RELIGIOSAS

O PERFUME DA VIRGEM PERDURA MUITO, ÀS VEZES DÁ  
SALDO PARA UMA VIDA INTEIRA

[Guimarães Rosa: Grande Sertão: Veredas]

## NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Virgem da Conceição Imaculada,  
Para que fosses a mãe do teu Senhor,  
No ventre de Sant'Ana, antecipada,  
Remiu-te, ó venturosa, o Salvador.

Desde o Jardim do Éden destinada,  
Em ti, a raça humana, imersa em dor,  
Depõe sua esperança e orando brada:  
Tu és nossa alegria, glória e honor!

De todas as mulheres preferida,  
A mais linda, a mais pura concebida,  
Só tu, com a lua aos pés, eleita, sobes.

E, lá do céu, Estrela Matutina,  
A nossa prece escuta, então: Regina,  
Sine labe concepta, ora pro nobis!

## NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

Signum magnum aparuit in caelo!  
Eis a nova e divina maravilha:  
Um grandioso sinal, sublime e belo,  
Apareceu no céu e em luz rebrilha.  
É a Mãe de Deus, Esposa e também Filha  
Que, com a lua aos pés por escabelo,  
Subindo vai, inaugurando a trilha  
Por onde passa de nossa alma o anelo.

Rico diadema de estrelas doze,  
À santa imagem, numa linda pose,  
Circunda a fronte com primor e arte.

Oh! das mulheres bela, o meu desejo,  
Te peço, atende! Eis tudo o que eu almejo  
Viver com Deus no céu e contemplar-te!

## NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

A raça negra, aqui outrora escravizada,  
Com todo seu carinho e árdua peleja,  
A ti, ó Mãe de Deus e dela, tão amada,  
Ergueu esta singela e veneranda igreja.

Co'a mesma devoção por ela nos deixada,  
Aqui vimos pedir-te, ó Virgem benfazeja,  
Que da aliança antiga, a nós, a Augusta escada,  
Que em sonhos viu Jacó, o teu Rosário seja!

E pelos seus degraus de ave-marias feitos,  
Com que tua Irmandade há tanto te cultua,  
Ousemos escalar o céu dos teus eleitos.

E dá-nos que, também na eternidade infinda,  
Possamos contemplar o enlevo desta tua  
Barroquíssima imagem, encantadora e linda.

## NOSSA SENHORA DAS MERCÊS

Aqui me tens, Senhora! Aos pés do teu altar  
Eu venho te pedir, com terna hiperdulia:  
Derrama sobre mim, na luz do teu olhar,  
Os dons do eterno amor, da paz e da alegria!

Qual carinhosa mãe, num gesto que redime,  
Estendes para mim os teus maternos braços.  
Oh! dá-me, então, aurir, de amplexo tão sublime,  
Conforto e refrigério a meus cansados passos.

Tal qual da escravidão os troncos e as algemas  
Os desfizeste, um dia, em prol do negro banto,  
Desfaze, hoje, igualmente, os laços que em mim vês!

Assim, liberto dos grilhões de tais emblemas,  
Cativo teu somente, e envolto no teu manto,  
Eu possa te servir, Senhora das Mercês!

## NOSSA SENHORA DAS DORES

Ó minha linda e mística Senhora,  
Junto à cruz desse altar, em soledade,  
Quisera consolar-te, muito embora,  
Tanta amargura consolar quem há-de?

Cansada de pecar, minha alma implora  
O amparo no teu manto de bondade,  
Escuta, por favor, sem mais demora,  
Meus gemidos de dor e de saudade.

Aflitíssima Mãe das Sete Dores,  
Ebúrnea imagem de lilás vestida,  
Refúgio sê, p'ra mim, dos pecadores.

E, pela solidão do teu Calvário,  
Co'o bálsamo do incenso, a minha vida  
A ti consagro neste Septenário.

## NOSSA SENHORA DO CARMO

Virgem do Carmo, nesta linda imagem,  
És a miragem dos reais fulgores!  
Quem pode ver-te, sem querer amar-te?  
Quem pode amar-te, sem morrer de amores?

Nuvem de Elias que, subindo, trazes  
Teus eficazes mananciais de cura,  
Verte tuas graças sobre nós, a flux,  
Mãe de Jesus, aventurada e pura!

Pode a tristeza me bater à porta.  
Nada me importa, quando estás comigo,  
Com teu carinho me sanando a dor.

E, quando um dia me buscar a morte,  
Dá-me a sorte de, no céu contigo,  
Poder de Deus me descansar no amor!



## O Caminho Não Escolhido

por Robert Frost

Dois caminhos se separavam em um bosque amarelo,  
E, lamentando não poder seguir os dois,  
E sendo apenas um viajante, muito tempo eu fiquei parado  
E olhei um deles o mais distante que pude  
Até que se perdia na mata;

Então eu tomei o outro, como sendo o mais merecedor,  
E tendo talvez melhor direito,  
Porque estava gramado e queria ser usado;  
Embora os que por lá passaram  
Os tenham realmente percorrido de igual forma,

E ambos ficaram essa manhã  
Com folhas que passo nenhum pisou.  
Oh, guardei o primeiro para outro dia!  
Embora sabendo como um caminho leva para longe,  
Duvidasse que algum dia voltasse novamente.

Direi isto suspirando  
Em algum lugar, daqui a muito tempo:  
Dois caminhos se separavam em um bosque amarelo, e eu...  
Eu escolhi o menos percorrido  
E isso fez toda a diferença.

## O caminho que não tomei

Entre duas possibilidades, que caminho tomar?  
Um dos poemas mais conhecidos da literatura norte-americana  
foi escrito por Robert Frost (1874-1963).

É o famoso "The road not taken", e foi traduzido pelo poeta português Antônio Simões com o título "O caminho que não tomei".  
Está numa recente antologia onde ele verteu competentemente 112 poemas do inglês para nossa língua.

Entre duas possibilidades, que caminho tomar?

Pode ser entre dois amores, dois empregos, duas ruas, dois países. Pode ser uma encruzilhada qualquer. O fato é que a escolha é às vezes algo complicado. Tão complicado que uns psicólogos norte-americanos criaram a "teoria da dissonância cognitiva" baseada nesse drama. Como escolhemos as coisas, seja uma geladeira, uma proposta, uma roupa, e que racionalizações fazemos para justificar a direção tomada?

O poema é simples. Robert Frost foi um poeta que escrevia simples, e de tão popular que era foi chamado para ler um poema na posse do presidente Kennedy, em 1961.

Diz o poeta que duas estradas divergentes surgiram-lhe num bosque amarelado, e infelizmente ele não podia viajar ao mesmo tempo pelas duas. Eram duas estradas e ele era uma pessoa só. Ele estendeu os olhos sobre a primeira delas tão longe quanto podia até que ela se perdesse na folhagem.

No entanto, mesmo diante dessa sedução, ele tomou a outra via, que tinha uma agreste vegetação dificultando-lhe o caminho. Fazer tal escolha foi, ao mesmo tempo, obter e perder alguma coisa.

Na última estrofe, que reproduzo aqui em português e inglês, ele resume a perplexidade da situação:

"Suspirando, estarei contando a ti,  
Daqui a mil anos, o que aconteceu:  
Dois caminhos bifurcavam, e eu –  
O menos pisado tomei como meu  
E a diferença está toda aí".

*I shall be telling this with a sigh  
Somewhere ages and ages hence:  
Two roads diverged in a wood, and I –*

*I took the one less traveled by,  
And that has made all the difference.*

Ou seja, em minha vida eu tomei a estrada mais difícil, menos usada, e isto fez toda a diferença.

Leio isto e me lembro que, na minha infância, nas paredes das casas dos crentes havia um quadro sobre a parábola bíblica do caminho largo e do caminho estreito, o primeiro conduzindo à perdição e o segundo à salvação.

Era a versão religiosa, a noção de pecado e virtude no ato da escolha.

Já o poema de Frost fala de algo mais ético e existencial. É inevitável associar a ele um outro poema, do poeta português José Régio, intitulado "Cântico negro", que de alguma maneira dialoga com o poema de Frost e que começa assim:

"Vem por aqui!" – dizem-me alguns com olhos doces,  
estendendo-me os braços e seguros  
de que seria bom que eu os ouvisse  
quando me dizem: 'Vem por aqui!'  
Eu olho-os com olhos lassos,  
(Há, nos meus olhos, ironias e cansaços)  
e cruzo os braços  
e nunca vou por ali..."

E depois de repetir que não segue os outros, que só vai por onde bem quer, o poema assim termina:

"Não sei por onde vou.  
Não sei para onde vou.  
– Sei que não vou por aí!"

André Gide dizia que, nessa vida, o diabo é que dos cem caminhos a gente tem que escolher um e ficar com a nostalgia dos outros 99.

É possível. E há quem sinta nostalgia de todos os cem. Esse tipo de frase de efeito antigamente me tocava.

Mas hoje, menos pretensiosamente, acho que nos cabe tornar o caminho escolhido mais belo e nele descobrir seus fascinantes mistérios.

## “Lugar de Memória”

São Tiago é berço de muitos escritores, cada um ao seu jeito, no seu estilo e em bom português vem trazendo àqueles que apreciam a leitura mais livros que versam sobre temas variados.

No dia 23 de junho recebemos mais uma obra de autor são-tiaguense, o professor José Ângelo Trindade Resende, que nos trouxe seu livro de memórias. É uma volta pitoresca ao passado, dando beliscadas no presente, para contextualizar alguns temas.

Suas crônicas colocam a maioria dos leitores inseridos nas viagens e aventuras da sua infância e adolescência porque, em sua maioria, se assemelham às histórias de muitos de nós.

Uma leitura leve, divertida e recheada de versos e prosas de poetas, autores e escritores de nos-

so tempo.

Uma obra rica de histórias que ao degustá-las o leitor pode descansar-se da correria do dia-a-dia.

Cresce o acervo do Memorial na estante “Escritores São-tiaguenses”.

O livro, “Lugar de Memória”, foi autografado por José Ângelo na noite de 23 de junho de 2023, no Restaurante Hamburgão, do Dedê, com a presença dos familiares, amigos e diversos apoiadores do escritor.

Contou com a leitura de trechos de suas crônicas, dramatização do texto “Pedal dos Sonhos” por seu sobrinho Rafael e a música imperdível do amigo “Preto Alexandre”.

Um acontecimento para ficar em nossa memória.



**Cairu - Membro do IHGST**

## Os Laras a Caminho de São Tiago

### Noite de autógrafos

No dia 1º de julho São Tiago viveu um momento grandioso vendo mais uma filha da terra lançando sua obra, que lhe custou preciosa parte de seu tempo, a qual registra num contexto histórico e documentado, a saga da Família Lara desde a Espanha até São Tiago.

A obra perpassa, em dois volumes, as origens da família Lara na Espanha Medieval que vem para o Brasil colônia, iniciando no estado de São Paulo (Santana de Parnaíba) de onde se espalha até chegar à nossa região do Campo das Vertentes, desaguando em São Tiago, onde nasceu a escritora Dona Maria José Lara Pereira de Bretas.

Ela é neta do Sr. Francisco de Paula Lara (Sr. Chico Lara), que dá nome a uma das principais ruas de nossa terra. Cidadão merecedor de tal homenagem pela sua participação na história e construção da cidade principalmente de nosso Hospital. Hoje ele se vê também referenciado e homenageado nesta primorosa obra de sua neta.

O evento do lançamento do livro aconteceu na Sede Social Santiaguense, com a presença das autoridades locais (prefeito, presidente da câmara, vereadores, secretária de educação, presidente e membros do Instituto Histórico e Geográfico de São Tiago (IHGST), presidente do SICOOB Crediverentes e grande número de membros da Família Lara e diversas pessoas da comunidade.) Estiveram também o presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São João del Rei (IHGSJR), a vice-presidente da Academia São-joanense de Letras, familiares e muitos amigos da escritora, Dona Maria José. Pessoas vieram de diversas cidades e estados para prestigiar aquele momento cultural, que já está em nossa memória e saudade.

Na oportunidade, a autora, após fazer uma bela apresentação de



Contamos com a sua presença no lançamento do livro:

### DO Campo das Estrelas AO Campo das Vertentes

em dois volumes

Vol. 1 - Os Laras na Espanha Medieval  
Vol. 2 - Os Laras a Caminho de São Tiago

Autora

**MARIA JOSÉ LARA DE BRETAS PEREIRA**

A obra revive a saga da família Lara contextualizada em 1200 anos de história na Espanha e no Brasil, finalizando a sua jornada em São Tiago-MG, onde criou raízes e deixou numerosa descendência.

Dia 1º de Julho de 2023 às 18 horas  
no Sede Social Santiaguense  
Rua Viegas, 18 Centro



sua obra, homenageou três pessoas: suas duas professoras do curso primário, feito no Grupo Escolar “Afonso Pena Júnior”, Lucy Jardim (98 anos) e Nilda Reis Mata (97 anos) e a senhora Geny Lara de Almeida (100 anos). Esta última, decana da família Lara em São Tiago, foi homenageada com a oferta de um livretinho contendo os versos de sua autoria.

A escritora foi homenageada pelo IHGST, pela Escola Estadual “Afonso Pena Júnior”, pelo professor Ailton Assis, representando os familiares, por Tiago Santiago, um amigo e pelo presidente do IHGSJR, Sr. Paulo.

Dona Maria José e as homenageadas receberam, também, o afetuoso carinho de um grupo de músicos e cantores de nossa terra com canções que muito falaram das alegrias e emoções daquele momento.

Enquanto os livros eram autografados, foi servido, aos presentes, o famoso café com biscoitos de São Tiago.

Minha gratidão a todos que colaboraram para a realização deste evento.

**Cairu- Membro do IHGST**

## TRÊS CONSELHOS

Um casal de jovens recém-casados, era muito pobre e vivia de favores num sítio do interior. Um dia o marido fez a seguinte proposta para a esposa: - "Querida eu vou sair de casa, vou viajar para bem longe, arrumar um emprego e trabalhar até ter condições para voltar e dar-te uma vida mais digna e confortável. Não sei quanto tempo vou ficar longe, só peço uma coisa, que você me espere e enquanto eu estiver fora, seja FIEL a mim, pois eu serei fiel a você". Assim sendo, o jovem saiu. Andou muitos dias a pé, até que encontrou um fazendeiro que estava precisando de alguém para ajudá-lo em sua fazenda. O jovem chegou e ofereceu-se para trabalhar, no que foi aceito. Pediu para fazer um pacto com o patrão, o que também foi aceito. O pacto foi o seguinte: - "Me deixe trabalhar pelo tempo que eu quiser e quando eu achar que devo ir, o senhor me dispensa das minhas obrigações. EU NÃO QUERO RECEBER O MEU SALÁRIO. Peço que o senhor o coloque na poupança até o dia

em que eu for embora. No dia em que eu sair o senhor me dá o dinheiro e eu sigo o meu caminho". Tudo combinado. Aquele jovem trabalhou DURANTE VINTE ANOS, sem férias e sem descanso. Depois de vinte anos chegou para o patrão e disse: - "Patrão, eu quero o meu dinheiro, pois estou voltando para a minha casa". O patrão então lhe respondeu: "Tudo bem, afinal, fizemos um pacto e vou cumpri-lo, só que antes quero lhe fazer uma proposta, tudo bem? Eu lhe dou o seu dinheiro e você vai embora, ou LHE DOU TRÊS CONSELHOS e não lhe dou o dinheiro e você vai embora. Se eu lhe der o dinheiro eu não lhe dou os conselhos, se eu lhe der os conselhos, eu não lhe dou o dinheiro. Vá para o seu quarto, pense e depois me dê a resposta". Ele pensou durante dois dias, procurou o patrão e disse-lhe: "QUERO OS TRÊS CONSELHOS". O patrão novamente frisou: - "Se lhe der os conselhos, não lhe dou o dinheiro". E o empregado respondeu: - "Quero os conselhos". O patrão então lhe falou:

1. **"NUNCA TOME ATALHOS EM SUA VIDA.** Caminhos mais curtos e desconhecidos podem custar a sua vida.
2. **NUNCA SEJA CURIOSO PARA AQUILO QUE É MAL,** pois a curiosidade pro mal pode ser mortal.
3. **NUNCA TOME DECISÕES EM MOMENTOS DE ÓDIO OU DE DOR,** pois você pode se arrepender e ser tarde demais.

Após dar os conselhos, o patrão disse ao rapaz, que já não era tão jovem assim: - "AQUI VOCÊ TEM TRÊS PÃES, dois para você comer durante a viagem e o terceiro é para comer com sua esposa quando chegar a sua casa". O homem então, seguiu seu caminho de volta, depois de vinte anos longe de casa e da esposa que ele tanto amava. Após o primeiro dia de viagem, encontrou um andarilho que o cumprimentou e lhe perguntou: - "Pra onde você vai?" Ele respondeu: - "Vou para um lugar muito distante que fica a mais de vinte dias de caminhada por essa estrada". O andarilho disse-lhe então: - "Rapaz, este caminho é muito longo, eu conheço um atalho que é dez, e você chega em poucos dias". O rapaz contente, começou a seguir pelo atalho, quando lembrou-se do primeiro conselho, então voltou e seguiu o caminho normal. Dias depois soube que o atalho levava a uma emboscada. Depois de alguns dias de viagem, cansado ao extremo, achou uma pensão à beira da estrada, onde pode hospedar-se. Pagou a diária e após tomar um banho deitou-se para dormir. De madrugada acordou assustado com um grito estarrecedor. Levantou-se de um salto só e dirigiu-se à porta para ir até o local do grito. Quando estava abrindo a porta, lembrou-se do segundo conselho. Voltou, deitou-se e dormiu. Ao amanhecer, após tomar café, o dono da hospedagem lhe perguntou se ele não havia ouvido um grito e ele disse que tinha ouvido. O hospedeiro: e você não ficou curioso? Ele disse que não. No que o hospedeiro respondeu: VOCÊ É O PRIMEIRO HÓSPEDE A SAIR DAQUI VIVO, pois meu filho tem crises de loucura, grita durante a noite e quando o hóspede sai, mata-o e o enterra no quintal. O rapaz prosseguiu na sua longa jornada, ansioso por chegar a sua casa. Depois de muitos dias e noites de caminhada... Já ao entardecer, viu entre as árvores a fumaça de sua casinha, andou e logo viu entre os arbustos a silhueta de sua esposa. Estava anoitecendo, mas ele pode ver que ela não estava só. Andou mais um pouco e viu que ela tinha entre as pernas, um homem a quem estava acariciando os cabelos. Quando viu aquela cena, seu coração se encheu de ódio e amargura e decidiu-se a correr de encontro aos

dois e a matá-los sem piedade. Respirou fundo, apressou os passos, quando lembrou-se do terceiro conselho. Então parou, refletiu e decidiu dormir aquela noite ali mesmo e no dia seguinte tomar uma decisão. Ao amanhecer, já com a cabeça fria, ele disse: - "NÃO VOU MATAR MINHA ESPOSA E NEM O SEU AMANTE. Vou voltar para o meu patrão e pedir que ele me aceite de volta. Só que antes, quero dizer a minha esposa que eu sempre FUI FIEL A ELA". Dirigiu-se à porta da casa e bateu. Quando a esposa abre a porta e o reconhece, se atira em seu pescoço e o abraça afetuosamente. Ele tenta afastá-la, mas não consegue. Então com as lágrimas nos olhos lhe diz: - "Eu fui fiel a você e você me traiu... Ela espantada lhe responde: - "Como? eu nunca lhe trai, esperei durante esses vinte anos. Ele então lhe perguntou: - "E aquele homem que você estava acariciando ontem ao entardecer? E ela lhe disse: - "AQUELE HOMEM É NOSSO FILHO. Quando você foi embora, descobri que estava grávida. Hoje ele está com vinte anos de idade". Então o marido entrou, conheceu, abraçou o filho e contou-lhes toda a sua história, enquanto a esposa preparava o café. Sentaram-se para tomar café e comer juntos o último pão. APÓS A ORAÇÃO DE AGRADECIMENTO, COM LÁGRIMAS DE EMOÇÃO, ele parte o pão e ao abri-lo encontra todo o seu dinheiro, o pagamento por seus vinte anos de dedicação. Muitas vezes achamos que o atalho "queima etapas" e nos faz chegar mais rápido, o que nem sempre é verdade... Muitas vezes somos curiosos, queremos saber de coisas que nem ao menos nos dizem respeito e que nada de bom nos acrescentará... Outras vezes, agimos por impulso, na hora da raiva, e fatalmente nos arrependemos depois... Espero que você, assim como eu, não se esqueça desses três conselhos e não se esqueça também de CONFIAR em DEUS (mesmo que a vida muitas vezes já tenha te dado motivos para a desconfiança). Outra coisa: não guarde essa mensagem numa pasta, envie para seus amigos... Mas se não o fizer, nada de mal lhe acontecerá. Apenas perderá a oportunidade de fazer (mais) feliz o dia de alguém, pois esta bela história nos instiga às boas atitudes em situações extremas.

Fonte: Internet

Site Holístico de Euro Oscar

# Padre Pio de Pietrelcina e as Aparições

## O AMIGO CELESTIAL DE PADRE PIO

As aparições para Pio começaram quando ele era ainda uma criança. O pequeno Francisco não falava de suas aparições porque acreditava que elas ocorriam a todas as almas. As aparições eram de Anjos, de Santos, de Jesus, de Nossa Senhora mas, às vezes, também de diabos. Nos últimos dias do mês de dezembro de 1902, enquanto Francisco estava meditando sobre sua vocação teve uma visão. Aqui está a descrição que ele disse, depois de vários anos, ao seu confessor.

Ele viu ao seu lado um homem imponente, de beleza rara, resplandecente como o sol, e que o pegou pela mão e o encorajou com este convite: "Venha comigo porque é conveniente lutar como um bravo guerreiro". Francisco foi conduzido a um grande campo, entre uma multidão de homens, que estava dividida em dois grupos. Em um grupo havia homens com uma face muito bonita e vestidos com roupas brancas, brancas como a neve, e no outro grupo havia homens de aspecto horrível, vestidos com roupas pretas. Eles pareciam sombras.

Francisco estava no meio dos dois grupos de espectadores e viu um homem alto, tão alto que podia tocar com a testa as nuvens, tinha um rosto medonho e veio ao seu encontro. O personagem resplandecente que estava a seu lado exortou Francisco a lutar contra o homem monstruoso. Francisco rezava para evitar a fúria daquele homem horrendo, mas o homem luminoso não aceitou, e disse: - Sua resistência é inútil, lute, pois vale a pena lutar contra este caráter ruim. Por favor, seja fiel e peleje confiante e atrevidamente, eu estarei perto de você. Eu o ajudarei e não permitirei que ele o derrote.

Encorajado Francisco iniciou a luta, e ela foi terrível. Com a ajuda do homem luminoso que sempre estava perto dele, Francisco ganhou a briga. O homem monstruoso foi forçado a correr e ele arrastou toda aquela multidão grande de homens de aspecto pavoroso, entre uivos, maldições e gritos. A outra multidão de homens, de aspecto bonito, gritava elogios e aplaudia quem tinha ajudado o pobre Francisco naquela grande batalha. O homem esplêndido e luminoso, mais luminoso que o sol, colocou na cabeça do vitorioso Francisco uma coroa maravilhosa, que não é possível descrever.

Mas a coroa foi retirada da cabeça de Francisco e o bom homem disse: "Outra coroa, mais bonita que esta, eu preservei para você. Se você souber lutar com aquele homem horrível, como você lutou agora. Ele sempre voltará à agressão...combata com bravura e não terá qualquer dúvida de minha ajuda... não se preocupe com a força dele... eu estarei sempre perto de você, eu sempre o ajudarei, e você será vencedor. Tal visão foi seguida por reais batalhas contra o Diabo. Padre Pio enfrentou com efeito, várias batalhas contra o "inimigo das almas", e o seu propósito era de arrancar as almas das cadeias de Satanás.

## PIO E A ALMA DO PURGATÓRIO

Numa tarde o padre Pio estava em um quarto, localizado na parte baixa do convento, destinado para casa de hóspedes. Ele estava só e descansando sobre o sofá, quando de repente, apareceu um homem envolto em uma capa preta. O padre Pio, surpreso, ergueu-se e perguntou para o homem quem ele era e o que ele queria.

O estranho respondeu que era uma alma do Purgatório. "Eu sou Pietro Di Mauro". Disse-lhe então: "eu morri em um incêndio neste convento, em 18 de setembro de 1908. Na realidade esse convento, depois da desapropriação dos bens eclesiais, tinha sido transformado em uma casa de repouso para anciões. Eu morri en-



tre as chamas quando eu estava dormindo, em meu colchão feito de palha, exatamente neste quarto. Eu venho do Purgatório: O bom Deus, deixou-me vir até aqui e lhe pedir que celebre para mim a santa missa de amanhã de manhã para o meu descanso eterno. Graças a esta Missa eu poderei entrar no Paraíso".

Padre Pio falou para o homem que ele teria a missa santa para a sua alma, o Padre Pio contou: "Eu, queria levá-lo até a porta do convento para me despedir quando repentinamente para minha surpresa ele desapareceu. Eu seguramente percebi que havia falado com uma pessoa morta, na realidade, tenho que admitir que eu reentrei no convento bastante amedrontado. O Padre Superior do convento, Monsenhor Paolino de Casacalenda, notou meu nervosismo, e então contei-lhe o que havia acontecido. Aí então lhe pedi a permissão para celebrar a Santa Missa da manhã seguinte em voto daquela alma necessitada.

Alguns dias depois, Padre Paolino, despertado pela curiosidade foi até o escritório de registro de óbitos da comunidade de St. Giovanni Rotondo, e pediu a permissão para consultar o livro de registro de óbitos do ano de 1908. Após a consulta ele pode então verificar que a história do Santo Padre Pio era verdadeira, pois no registro relacionado às mortes do mês de setembro, Padre Paolino achou o nome, o apelido e a razão da morte: No dia 18 de setembro de 1908, no incêndio da casa de repouso morreu o Sr. Pietro Di Mauro.

## CELEBRANDO A SANTA MISSA

A Sra. Cleonice Morcaldi, de San Giovanni Rotondo era seguidora espiritual do padre Pio. Depois de um mês da morte de sua mãe, Padre Pio chegou para a Sra. Cleonice após o término da confissão e disse: "Nesta manhã a sua mãe foi para Céu eu a vi enquanto estava celebrando a Santa Missa. Por isso queira decidir a data em que devo celebrar uma missa oferecendo o descanso eterno à alma de sua mãe".

## OUTRA ALMA DO PURGATÓRIO

Padre Pio contou a seguinte história a Padre Anastasio:

"Uma tarde, enquanto eu estava rezando só, eu ouvi o sussurro de um terno e eu vi um monge jovem que se mexeu próximo ao altar. Parecia que ele estava espanando os candelabros e regando os vasos das flores. Eu pensei que ele era o Padre Leone, que estava reestruturando o altar, e como era a hora do jantar, eu fui próximo a ele e lhe falei: Padre Leone, vá jantar, não está na hora de espantar e consertar o altar".

Mas uma voz que não era a voz do padre Leone me respondeu: Eu não sou o Padre Leone. Então perguntei: quem é você? A voz então respondeu - "Eu sou um irmão seu que fez o noviciado aqui. Minha missão era limpar o altar durante o ano do noviciado. Desgraçadamente, durante todo esse tempo eu não reverenciei a Jesus Sacramento Deus todo Poderoso, em nenhuma das vezes em que passava em frente ao altar.

Causei grande aflição ao sacramento santo por causa da minha irreverência. Por esse descuido sério eu ainda estou no Purgatório. Agora, Deus, com a sua bondade infinita, enviou-me aqui para que você estabeleça o dia em que eu passarei a desfrutar o Paraíso. É para você cuidar de mim. Padre Pio nos conta: "Eu creio ter sido generoso com aquela alma de sofrimento e assim exclamei: você estará amanhã pela manhã no Paraíso, quando eu celebrar a Santa Missa."

"Aquele alma chorou e disse: 'Cruel de mim, que malvado eu fui'. Então chorou e desapareceu. Aquela exclamação me produziu uma ferida no coração, que eu senti e sentirei a vida inteira. Na realidade eu teria podido enviar aquela alma imediatamente ao Céu, mas eu o condenei a permanecer outra noite nas chamas do Purgatório."

## Padre Pio entre as almas do Purgatório e do Paraíso

*Vários testemunhos afirmam que o santo costumava estar em contato com as almas do Purgatório*

O Padre Pio é um dos santos que mais manifestaram o dom de produzir milagres. Sua própria pessoa já era um milagre de santidade, como testemunham tantos escritos. E entre seus dons, havia também o dom de ter um contato próximo com o "Além".

O santo poderia saber quando uma pessoa iria morrer, e poderia até mesmo obter um indulto da morte, se necessário.

Os escritos atestam que ele visitava o purgatório e estava em contato com as almas de lá.

O Padre Pio podia saber quanto tempo uma alma permaneceria no purgatório, rezava constantemente por elas e tomava sobre si o sofrimento delas.

Estes são alguns dos testemunhos que atestam estes dons do santo:

Após a missa e a ação de graças, o Padre Pio chamou um homem à parte e lhe disse: "Meu amigo, em uma semana você deixará este mundo. Não tenha medo! Prepare-se com humildade. Estarei sempre perto de você e eu mesmo o acompanharei até o céu". O homem morreu após exatamente uma semana, e houve alegria ao seu redor "porque certamente terá se tornado verdade que ele foi para o céu". (Pierino Galeone, 80).

### REI GEORGE VI DA INGLATERRA

Na tarde de 20 de janeiro de 1936 no quarto do Padre Pio estavam o Dr. Sanguinetti e o Padre Aurelio de Sant'Elia, que declararam o fato. Enquanto os três conversavam, a certa altura o Padre Pio interrompeu a conversa, ajoelhou-se e disse: "Rezemos pelo Rei da Inglaterra que em breve comparecerá perante o tribunal de Deus". Os três começaram a rezar em silêncio.

A explicação veio na manhã seguinte quando ouviram na rádio e

nos jornais que George VI, rei da Inglaterra, havia morrido. (Parente, Padre 267-8) (Gallagher, Padre Pio, 138-9) (Carty, Padre Pio, 7-8) (Ruffin, Padre Pio, 241) (Gaudiose, Profeta, 118).

### PADRE PIO PODE ADIAR A MORTE DE UMA PESSOA

Don Pierino: 'Padre, uma senhora de Martina Franca, doente de câncer, tem seus dias contados e pede a você que reze por ela'. Padre Pio olha para cima e depois diz: 'Tudo bem! O Senhor lhe conceda uma extensão'.

### NOVE ANOS DEPOIS

Padre, aquela senhora está doente novamente". Padre Pio: "Dê uma extensão, não uma cura definitiva". A senhora morreu depois de menos de um mês. (Don Pierino Galeone, 81).

### PURGATÓRIO, INFERNO E PARAÍSO

Padre Alessio: "Parecia que todos estavam convencidos de que o Padre Pio tinha conexões com o outro mundo ou que ele poderia ter notícias diretas do além". (Parente, Padre, 28).

Don Pierino: "Padre, um amigo morreu de ataque cardíaco: ele foi salvo? Onde ele está?"

Padre Pio: "Ele foi salvo, mas tem que passar por um longo purgatório. Rezemos, rezemos muito". (Don Pierino Galeone, 79-80)

Alberto D'Apolito contou que o bispo Alberto Costa, bispo de Melfi, em 1922, enquanto conversava com o Padre Pio, perguntou-lhe se ele já havia visto uma alma do Purgatório. O Padre Pio respondeu: "Já vi tantas que não me assustam mais". (Parente, Padre, 129).

A senhora Birulli de Cerignola perguntou: 'Padre, não pode me dar uma ideia do Purgatório?'. Padre Pio: 'Minha filha, as almas do Purgatório gostariam de se jogar em uma fonte de fogo terreno, porque para elas seria como uma fonte de água doce'.

"Vamos esvaziar o Purgatório". (Cleonice Morcaldi, My Life, 285)

No inferno: "Fui até lá entre aqueles infelizes e (Deus) me fez sentir as dores que os condenados sofrem". (Cleonice Morcaldi, My Life, 285).

Padre Pio tinha o dom de saber se uma pessoa já estava no céu, e de poder acompanhar as almas ao céu. Don Pierino foi ao Padre Pio com o magistrado da cidade. A irmã do magistrado havia falecido no ano anterior e o Padre Pio havia dito que ela estava no Purgatório. Desta vez o Padre Pio disse: "ela já está no Céu". (Pierino Galeone, 79).

Anna Tremigliozi completou seu curso de enfermagem em Nápoles e permaneceu lá para exercer sua profissão por dois anos.

O Padre Pio a chamou para San Giovanni Rotondo para trabalhar no novo hospital Casa Sollievo. Ela tinha 22 anos de idade. Após alguns anos, ela contraiu a epidemia 'asiática' e morreu. Todos na família estavam perturbados e pensavam que ela ainda poderia estar viva se não tivesse deixado Nápoles. O Padre Pio disse à Irmã Vincenza, irmã de Anna: "Onde você acha que sua irmã está, nós a mandamos para o Céu!"

A irmã Vincenza começou a repetir para si mesma: "Quem sabe o que teria sido de minha pobre irmã se ela tivesse ficado em Nápoles". (Iasenzaniro, Testimonies, parte dois, 341-2).

Todos estes testemunhos e muitos outros foram coletados pela família de um amigo do Padre Pio, Dr. Giuseppe Caccioppoli.

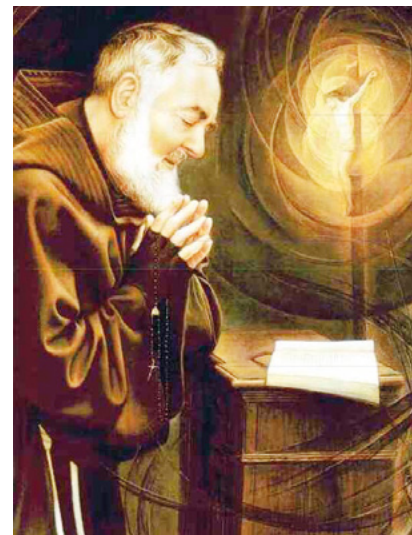




FOTO: WWW.JORNALDASLAJES.COM.BR



Capela do Mosteiro de Arnóia, em São João de Arnóia, berço natal da família Ribeiro da Silva.

## PADRES DA FAMILIA RIBEIRO DA SILVA

No célebre grupo familiar “Ribeiro da Silva”, sobremaneira proeminente nos séculos XVIII e XIX, encontramos inúmeros sacerdotes, alguns com atividades, não só canônicas, mas igualmente comerciais e ...conjugais! Na 1ª geração, dentre os oito filhos varões do casal iniciador Alferes Antonio Ribeiro da Silva (1695-1776) e Dª Antonia de Almeida (1714-1774) encontramos três sacerdotes:

**1º - Pe. DÂMASO RIBEIRO DA SILVA (1735-1785)** – Ordenado sacerdote em 1752. Ao falecer, em 1785, deixou, aos irmãos, alguns imóveis na Rua São Miguel em São João Del Rei. Sócio de sua irmã Mariana de Almeida e Silva, esta casada com o Ten.Cel. Marcos de Souza Magalhães, em um engenho de cana com dois alambiques. Proprietário ainda de 13 escravos e fazenda, em divisas com sua irmã, em “São Gonçalo do Rio Abaixo. Seu inventário foi aberto aos 31/01/1785, sendo Tomás Mendes um de seus testamenteiros. (Fonte: Inventário post-mortem – 1785 -IPHAN/SJDR, cx. 246).

Quanto ao celibato, Pe. Dâmaso parece ter sido fiel aos preceitos da Igreja, nada evidenciando que tenha deixado descendência, ao contrário de seus dois outros irmãos sacerdotes Miguel e Barnabé.

**2º - Pe. MIGUEL RIBEIRO DA SILVA** – Batizado em 1746 na Capela de São Gonçalo do Brumado (Caburu). Faleceu em Santa Rita do Rio Abaixo em 1825, com aproximadamente 79 anos de idade, testamento aberto aos 04/10/1825. Capelão, durante algum tempo, no arraial de Oliveira em 1780 e posteriormente entre 1785 a 1790. Desde 1796, aparece como proprietário da Fazenda São Miguel, em Santa Rita do Rio Abaixo, que, como tantas outras propriedades da época, estavam voltadas para a produção agrícola, em especial gêneros alimentícios, para o mercado interno. Ao redigir seu testamento, não tendo filhos, estando mortos seus pais, nomeou Dª Floriana Eufrásia da Silva como testamenteira e herdeira universal de seus bens (Fonte: Testamento Pe. Miguel Ribeiro da Silva – 1822 - IPHAN/SJDR, cx. 129). Pe. Miguel deixou, ademais, valores para diversos expostos à sua casa: 100\$000 para Flávio José da Silva, Manoel Justino da Silva e José Marcelino e 50\$000 para as expostas Balbina e Flássilia.

Dª Floriana Eufrásia, que fora exposta à casa de Pe. Barnabé Ribeiro da Silva, onde, ao que parece, ela criou Flávio José da Silva (seu afilhado e posteriormente seu genro) e ainda José Marcelino. Embora solteira, administradora da casa de Pe. Miguel, teve Dª Floriana duas filhas (“por fragilidade”, diz em seu testamento) Quando Pe. Miguel faleceu em 1825, Dª Floriana tinha 46 anos; Flávio José da Silva, 21 anos e outro exposto José Marcelino, 20 anos. Iria Jesuína, filha de Dª Floriana tinha 12 anos, além de outra filha, Maria Micaela. Em 1831, conforme lista nominativa de Santa Rita do Rio Abaixo, moravam na casa recenseada (fogo 86): Dª Floriana Eufrásia com 55 anos, solteira, vivendo de atividades rurais; o feitor José Marcelino, solteiro, com 26 anos e ainda 40 escravos. Residiam ainda na mesma casa o casal Flávio José da Silva com 27 anos, lavrador e Iria Jesuína da Conceição, costureira com 18 anos, casados (respectivamente genro e filha de Dª Floriana Eufrásia) e ainda 4 cativos.

Falecendo em 1846, aos 70 anos, Dª Floriana era rica fazendeira e grande proprietária de terras, dentre elas a Fazenda São Miguel com casa e ermida e a Fazenda Pombal (patrimônios que lhe foram legados por Pe. Mi-

guel Ribeiro da Silva) além de casa no arraial de São Tiago. Designou como seus testamenteiros os genros, em 1º lugar, Flávio José da Silva e em 2º lugar, José Justino da Silva e como herdeiras universais suas duas filhas, Iria Justina da Conceição e Maria Micaela de Jesus.

Os testamenteiros, Flávio José da Silva e José Justino da Silva, ao que se, deduz, encontraram alguma dificuldade ao fazerem o inventário de Dª Floriana Eufrásia, dentre elas a de que suas esposas, Iria Jesuína e Maria Micaela, eram realmente filhas da inventariante. Valeram-se, pois, de suas patentes e títulos, a saber: Flávio José da Silva, capitão da Guarda Nacional e Cavaleiro da Ordem da Rosa; e José Justino da Silva, capitão da Guarda Nacional, além da apresentação de três testemunhas – Fabiano Ribeiro da Silva, 64 anos; José de Souza Oliveira, 40 anos e Maria Antonia. Segundo pesquisadores e ainda a oralidade, Iria Jesuína e Maria Micaela seriam/eram filhas de Pe. Miguel Ribeiro da Silva. Ao designar e utilizar a mãe e concubina como testamenteira e herdeira universal de seus bens, eis uma forma de amparar as filhas, legando-lhes indiretamente seus bens, embora sem referir-se a elas, momento algum.

Sobre D. Floriana Eufrásia da Silva ver matéria em nosso boletim nº CXII - jan/2017.

**3º - Pe. BARNABÉ RIBEIRO DA SILVA** – O terceiro e último membro (1ª geração) da família Ribeiro da Silva foi o Pe. Barnabé Ribeiro da Silva, nascido em São Gonçalo do Brumado em 1750, vindo a falecer em Formiga – para onde migrara, após a morte do pai, ali se tornando abastado fazendeiro – em 1822. Proprietário das Fazendas “Retiro do Mato” e “Quilombinho”, com várias benfeitorias e escravaria, nomeou como seus testamenteiros e herdeiros universais, em 1º lugar, Francisco de Paula e Silva (a quem deixou a Fazenda “Retiro da Mata”), em 2º lugar Felisberto Antonio da Silva (a quem legou a Fazenda “Quilombinho”) e, por último, Joaquim da Silva Ribeiro (a quem deixou as terras da Fazenda “Loanda”, onde este morava) (Fonte: Testamento do Pe. Barnabé Ribeiro da Silva – 1822 – IPHAN/SJDR, cx. 124).

Há acentuados indícios de que os mencionados testamenteiros-herdeiros seriam, na verdade, filhos de Pe. Barnabé Ribeiro, uma vez que o doador – embora não lhes declarando diretamente a filiação – a estes deixou seus bens, bem como determinando textualmente que, na falta dos mesmos, os bens passariam aos filhos destes (netos do doador) Curiosamente, Maria Jacinta de São José, uma das filhas do testamenteiro-herdeiro Felisberto Antonio da Silva viria a casar-se com Januário Ribeiro da Silva, neto do Cap. José Ribeiro de Oliveira e Silva (irmão de Pe. Barnabé Ribeiro da Silva). Januário nasceu na Fazenda Lambari, em Oliveira (terras hoje situadas no município de São Francisco de Paula), de propriedade de seu avô Cap. José Ribeiro, sinal de que os “netos” do padre eram bem acolhidos no âmbito da família Ribeiro da Silva, artifício comum, entre as elites, à época<sup>(1)</sup>. Os testamenteiros de Pe. Barnabé viriam a casar-se com descendentes de antigos sesmeiros da região de Formiga e/ou ligados à expedição de Inácio Correia Pamplona (1769), dentre estes Domingos Antonio da Silveira, dono da sesmaria do “Córrego Fundo” (hoje município de Córrego Fundo).

Sobre a expedição de Inácio Correia Pamplona ver matérias em nosso boletim n. XCIX – dez/2015 e CXLIII – agosto/2015.

## OUTROS SACERDOTES DA FAMILIA RIBEIRO DA SILVA

**Pe. DÂMASO PINTO DE ALMEIDA LARA** - (05/05/ 1802-08/09/1879) era filho do Cap. Joaquim Pinto de Góes e Lara e Dª Ana de Almeida e Silva, neto materno do Alferes Antonio Ribeiro da Silva e Antonia de Almeida. Batizado aos 30/06/1802 na ermida de N.Sra. da Conceição do Ribeirão de Santo Antonio, na fazenda de seus pais, sendo padrinhos o Cap. Manoel da Costa Maia (representando o guarda mor Gervásio Pereira de Alvim) e Dª Inácia da Rosa e Lara, moradores da Aplicação da Lage (Resende Costa). Ordenado aos 24/05/1825 por D. Frei José da Santíssima Trindade, em Mariana, onde se matriculara em 27/01/1822.(Trindade 1953, p. 204). Ligado ao Partido Conservador, como praticamente toda a família/parentela. Pe. Dâmaso foi grande proprietário escravista da região da Lage e adjacências, com fazendas de produção de gêneros, tal qual seu pai e irmãos. Legou em testamento seus bens a herdeiros, que, segundo consenso comum, eram seus descendentes, a saber: a Fazenda “Cachoeira de Salva Terra” e metade do “Capão Grande”, fazenda que foi de Dona Micaela<sup>(2)</sup> e casa em Capela Nova (Desterro) a Francisco de Almeida e filhos; a fazenda que foi de Dona Micaela legou aos filhos de Ana Francisca de Jesus, com a ressalva de que o engenho de cilindro e de serra pertencia a Lino Pinto de Almeida “porque o fez com dinheiro dele”. Para Marciana parda e sua filha Aniceta deixou a Chácara de São João Batista (Morro do Ferro). Aos 20/03/1879, fez um “acréscimo ao testamento”, deixando 100\$000 a Herculano Pinto (Fazenda da Ponte Alta). Pe. Dâmaso foi inventariado aos 08/09/1879 no Tejuco<sup>(3)</sup>.

Segundo o historiador passatempense Antonio Pedro S. Faleiro, Pe. Dâmaso Pinto de Almeida Lara, proprietário da Fazenda Cachoeira do Corisco e residente em Jacarandira (Salva Terra), assumiu a paróquia de Passa Tempo, sucedendo o Pe. José Fabião Cordeiro. Já em 1831, ainda segundo Faleiro, o nome de Pe. Dâmaso aparece como membro da comissão que elegeu os guardas nacionais do curato de Passa Tempo. ("Passa Tempo através do tempo", 2010, 3ª ed, págs. 29 e 91). Augusto das Chagas Viegas em sua "Notícia Histórica do Município de São Tiago" no capítulo "Primeiros tempos do povoado – Capelães e Vigários", informa-nos que "a partir daquela data (1868), durante alguns meses, se desincumbiu, interinamente, dos trabalhos da freguesia, o Pe. Dâmaso Pinto de Almeida, vigário de Nossa Senhora da Penha da França da Lage, hoje Resende Costa" (op. cit. pág. 14).

O escritor Antonio de Lara Resende faz referências a Pe. Dâmaso Pinto, em suas "Memórias", tomo 1: "O Pe. Dâmaso Pinto de Almeida Lara, primo de meu avô, foi cura da Capela de Salva Terra, onde morreu em setembro de 1879. Dono de grande propriedade rural (Cachoeira de Salva Terra), alforreou todos os seus numerosos escravos e deixou muitos haveres a legítimos herdeiros, aliás descendentes, fenômeno que, na época, a ninguém escandalizava, por sua frequência... Poucos são os que refletem sobre o prodígio da virtude necessária a um sacerdote para se manter fiel a seus votos, vivendo isolado num mundo desabitado, a centenas de léguas de outros sacerdotes. O povo tinha intuição piedosa e não estranhava que certos padres se fizessem chefes de família" (op. cit. pág. 101) "Notícias como as da descendência do Padre Dâmaso e outros referentes à descendência bastarda do Major Chiquinho, meu tio avô, só as ouvimos depois de homens feitos, tal a reserva que se guardava nas conversas em família" (id. Pág. 110)

A Fazenda "Cachoeira de Salva Terra" parece ter sido construída por Pe. Dâmaso Pinto de A. Lara, em meados do séc. XIX, em terras da Fazenda "Ponte Alta", por ele herdadas de seu pai, o Cap. Joaquim Pinto de Góes e Lara, divisas da Lage (R. Costa) com Passa Tempo. Sua sede foi reformada em inícios do séc. XX, guardando ainda a tipologia própria das fazendas oitocentistas, assobradadas nos fundos, com elevação vertical sobre a paisagem, a planta em "L", construída unitariamente, sem telhados de prolongo, puxados etc.

O Pe. Dâmaso Pinto de Almeida Lara era natural da Vila da Lage (Resende Costa), freguesia de São José Del-Rei, filho do Cap. Joaquim Pinto de Góes e Lara e D<sup>a</sup> Ana de Almeida e Silva; batizado aos 30-06-1802 na Ermida de Nossa Senhora da Conceição da Fazenda Ribeirão de Santo Antonio de propriedade de seus pais, sendo padrinhos o Cap. Manoel da Costa Maia (por procuração do Guarda Mór Gervásio Pereira de Alvim) e D<sup>a</sup> Ignácia Rosa e Lara, da Aplicação da Lage. (Livro n. 6, fls. 62v) Neto paterno do Cap. Francisco Pinto Rodrigues e, natural de Bastos, Portugal e de D<sup>a</sup> Ana Maria Bernardes, natural da cidade de São Paulo e neto materno de Antonio Ribeiro da Silva e Antonia Maria de Almeida, naturais de Lisboa, proprietários da Fazenda "Rio Acima" em São Gonçalo do Brumado.

Pe. Dâmaso Pinto recebeu como doação/patrimônio de seus pais uma morada de casas de sobrado e seus pertences na vila de São José; uma chácara nos Quatro Cantos da mesma Vila e mais 2 escravos: e ainda a Fazenda "Ponte Alta" na Aplicação de Passa Tempo.

O Cap. Joaquim Pinto de Góes e Lara e D<sup>a</sup> Ana de Almeida e Silva casaram-se aos 27-11-1780 na Igreja da Lage (Livro n. 3, fls. 119).

(De Genere et Moribus de Pe. Dâmaso Pinto de Almeida Lara – 1824 – Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana - Registro 2140 – armário 19, pasta 0318).

### Pe. MANOEL COELHO DOS SANTOS

Algo curioso ocorreu com Pe. Manoel Coelho dos Santos. Segundo consta no De Genere, com a morte de seu irmão Dâmaso Coelho dos Santos (1788), foi o mesmo substituído no Seminário de Mariana pelo irmão Manoel Coelho dos Santos.

Dâmaso Coelho dos Santos era natural e batizado na capela de Santa Rita (Ritópolis) aos 21-10-1764, freguesia de Nossa Senhora do Pilar da vila de São João Del-Rei, filho legítimo de Manoel Coelho dos Santos, natural da freguesia de São Tiago Maior da Vila de Évora, comarca de Couto de Alcoaba, patriarcado de Lisboa e de D<sup>a</sup> Genoveva de Almeida e Silva, natural e batizada na freguesia de São João Del-Rei (Cert. Batismo fls. 45v – De Genere de Pe. Manoel Coelho dos Santos) Era neto paterno de Manoel Coelho e Maria Pia Carvalho, n. e batizados na referida freguesia da Vila de Évora, Couto de Alcoaba e neto materno de Antonio Ribeiro da Silva e Antonia Maria de Almeida.

Os pais de Pe. Manoel – Manoel Coelho dos Santos e Genoveva de Al-

meida e Silva – casaram-se aos .../.../ 1759 na capela de Santa Rita, da Igreja do Pilar de São João Del-Rei (fls. 75 – De Genere- Livros de matrimônios n° 3-1756-1762-fl.174). Certidão de batismo de Manoel Coelho (pai do habilitando) nascido aos 19-01-1726 e batizado aos 28-01 do mesmo ano na Igreja de São Tiago Maior, Vila de Évora, filho de Manoel Coelho e Maria Carvalho, sendo padrinhos Antonio Ribeiro e Josefa Fragoso (Fls. 92 – De Genere).

O avô paterno, Manoel Coelho, filho de Luis Coelho e Maria Fragoso, foi batizado aos 12-03-1702 (Livro de Batismos fls. 160v – De Genere) e sua avó paterna, Maria Pia, batizada, por sua vez, aos 05-04-1695, filha de Francisco Madeira e s/m Maria Pereira, n. de Arcipreste (fls. 134 – De Genere) Manoel Coelho e Maria Pia casaram-se aos 20-03-1726 (fls. 105v – De Genere).

Pe. Manoel Coelho dos Santos recebeu, como doação de sua mãe, "metade de um sítio com terras de cultura, campos e logradouros" na Aplicação de Santa Rita.

Manoel Coelho dos Santos foi ordenado diácono aos 07-03-1789.

**Pe. JOSÉ MENDES DOS SANTOS** – Esteve à frente da paróquia de São Tiago, primeiramente como capelão e depois como pároco, ininterruptamente, de 1824 a fevereiro de 1868, quando de seu falecimento. Foi batizado na Capela de Santa Rita aos 16/08/1784, sendo padrinhos Dâmaso Coelho dos Santos e Joaquina Tomasia da Silva c/c André Esteves, da freguesia de Prados<sup>(1)</sup>. Filho de Tomás Mendes e D<sup>a</sup> Juliana de Almeida e Silva, proprietários da Fazenda Engenho do Rio do Peixe.<sup>(2)</sup> Segundo o historiador Marcus Antonio Santiago já "em 1824, Pe. José Mendes dos Santos era capelão da capela curada de São Tiago. De família tradicional desta região, acompanhou a mudança da capelania filial da Paróquia de Nossa Senhora da Penha de Franca - Lage (atual Resende Costa) para a nova Freguesia de São Tiago. Esteve à frente como capelão e primeiro pároco, num espaço de quarenta e quatro anos, isto é, até o seu falecimento em fevereiro de 1868. Foi sepultado no interior da antiga Matriz de São Tiago"<sup>(3)</sup>. Augusto das Chagas Viegas em sua "Notícia Histórica do Município de São Tiago", tópico "Capelães e vigários", afirma: "Em 1824, já é capelão de São Tiago, o Pe. José Mendes dos Santos, de tradicional família desta região, que, por espaço de quarenta e quatro anos, isto é, até fevereiro de 1868, em que faleceu, foi o guia espiritual de seus jurisdicionados. Foi, pois, dentro de seu período (16 de Maio de 1855) que São Tiago passou a freguesia, sendo ele, portanto, seu primeiro vigário" (op. cit. pág. 14).

Segundo a conceituada historiadora Sílvia Maria Jardim Brugger em sua obra "Minas patriarcal: família e sociedade", "o Pe. José Mendes dos Santos ...em 1831/1832 vivia no distrito de São Tiago, filial da freguesia de São José Del Rei, tendo 47 anos e em posse de cinco cativos" (op. cit. pág. 265) No Censo de 1831 da Aplicação de São Tiago, termo de São José Del-Rei, o Pe. José Mendes dos Santos aparece como morador do fogo 1, quartoirão 1, com 47 anos e mais 5 escravos (Fonte Censos – Projeto Compartilhar e ainda Arquivo Público Mineiro PP 1/10 Cx 41, doc 18).

Sebastião de Oliveira Cintra em "Nomenclatura de ruas de São João Del Rei", no tópico Rua Prefeito Nascimento Teixeira, informa: "A Chácara do Segredo, que era situada por detrás da Igreja de São Gonçalo Garcia, foi adquirida em 1821 pelo Padre José Mendes dos Santos, irmão do Alferes Tomás Mendes dos Santos. O Pe. José ingressou aos 13/11/1814 na Irmandade do SS. Sacramento da Matriz do Pilar" (Fonte; www.genealogiafreire.com.br/tex.nomenclatura\_ rua\_sjdelrei.htm, pesquisa em 24/03/2016).

Em "Família escrava em São José Del-Rei", Fábio Carlos Vieira Pinto, informa "São Tiago já figurava como arraial de São José desde a década de 1830, existindo povoamento na região desde a década de 1760. Os moradores exigiram a criação da paróquia e em 1855, tornou-se freguesia. O distrito em 1831 possuía 1.152 habitantes, 635 do sexo masculino, sendo as mulheres um total de 517. Ainda pelo censo de 1831, os seis quarteirões que englobavam 133 fogos, possuíam 397 homens cativos e 247 mulheres escravas, além de 22 libertos e 27 libertas. Pelos inventários percebemos a seguinte população mancipia; 219 (1830-1840) e 36 (1841-1850)" pág. 34. Os inventários post-mortem da Vila de São José (1830-1850) somavam: São Tiago e Rio do Peixe – 234; Santa Rita – 228; Lage – 279

Pe. José Mendes dos Santos, falecido em fevereiro de 1868, foi sepultado no interior da matriz de São Tiago.

Carlos Batista da Silva, em seu texto memorialístico "As três mortas", informa sobre a família Mendes: "Não tive a ventura de conhecer a esse meu avô (Ten. Francisco Mendes de Almeida e Silva, falecido em 1877), mas sempre ouvi as melhores e mais elogiosas referências a seu respeito. (...) o meu tio Euzébio Ribeiro...me falava que Francisco Mendes de Almeida parecia trazer nas veias sangue de fidalgo. Não se enganara. Gabriel Mendes dos Santos, um seu irmão, chegara a senador do Império e um outro, José Mendes, também seu irmão, fora, por muitos anos, pároco em S. Tiago" pp.17/18.

Lamentavelmente, conforme exposição do historiador Elimar C. Santos, não foi possível acessar o De Genere Vita de Pe. José Mendes dos Santos (ano 1808, pasta 1022, Arquidiocese de Mariana) por estar em precaríssimo estado de conservação, não mais sendo autorizado ou viável o seu manuseio.

## NOTAS

(1) *André Esteves casou-se com Joaquina Tomásia da Silva em 30/10/1776 na Capela de Santa Rita. Era natural e batizado na freguesia de Santa Maria de Serratinhos, comarca de Chaves, termo de Monte Alegre, Arcebispado de Braga, filho de Antonio Esteves e Isabel Alves. André Esteves faleceu com testamento aos 21/08/1799.*

*Joaquina Tomásia da Silva era filha de Manoel Coelho dos Santos (nascido por volta de 1726), português natural de São Tiago do Marco, Couto de Alcobaca, patriarcado de Lisboa e de Genoveva de Almeida e Silva, batizada na capela de S. Gonçalo do Brumado (hoje Caburu) aos 21/02/1742, filha do Alferes Antonio Ribeiro da Silva e Antonia Maria de Almeida. O casal André Esteves e Joaquina Tomásia da Silva teve 7 filhos. D<sup>a</sup> Joaquina Tomásia foi recenseada em 1831 em Lagoa Dourada, quarteirão 6, fogo 12, com 72 anos e 22 escravos.*

(2) *Tomás Mendes e D<sup>a</sup> Juliana Maria de Almeida casaram-se na Capela de Santa Rita aos 08/02/1779, sendo padrinhos Manoel Coelho dos Santos e André Esteves. Tomás era natural da Freguesia de Sampaio de Fam, Concelho de Barcelos, Braga, filho de Domingos Mendes e Domingas Francisca. Faleceu aos 02/08/1823, com testamento redigido aos 12/11/1821 em sua fazenda “Engenho do Rio do Peixe”.*

*D<sup>a</sup> Juliana Maria de Almeida era filha de Manoel Coelho dos Santos e Genoveva de Almeida e Silva, filha esta do Alf. Antonio Ribeiro da Silva e Antonia Maria de Almeida. O casal Tomás Mendes e D<sup>a</sup> Juliana Maria de Almeida teve, além de Pe. José Mendes dos Santos, os seguintes filhos: Tomás (Ananias) Mendes dos Santos; Ana Joaquina de Jesus; Lauriana Maria de Jesus de Nazaré; Francisco Mendes de Almeida e Silva (Ten.); Dr. Gabriel Mendes dos Santos, célebre jurista e político do Império; Antonia Maria de Assunção; Genoveva Maria de Almeida.*

(3) *“Paróquia de São Tiago”, op. cit. págs. 76/77*

### Pe. CRISPINIANO ANTONIO DOS SANTOS

– Pároco de Santa Rita do Rio Abaixo de 1854 a 1873. Era da 3<sup>a</sup> geração da família Ribeiro da Silva, por ser neto de Genoveva de Almeida e Silva, filha esta do Alferes Antonio Ribeiro da Silva, patriarca da família.<sup>(4)</sup> Pe. Crispiniano era pai de Sabina Cândida dos Santos, fruto de casamento com D<sup>a</sup> Mariana Cândida dos Santos (1804-18/06/1840), filha de João Coelho dos Santos e Mariana de Souza Monteiro, antes de seguir a carreira eclesiástica pós viuvez. Sua filha Sabina viria a se casar com Francisco José de Souza (este falecido aos 26/02/1853 – inventário IPHAN/SJDR, cx. 414), consórcio com 3 filhos, sendo: 1. Maria Francisca de Souza, c/c João Tomáz de Souza; 2. Ana Custódia de Souza c/c Aureliano José da Silva; 3. Crispiniano Antonio de Souza, nascido aos 25/02/1852, que viria, igualmente, a abraçar o sacerdócio, ordenando-se no Seminário do Caraça em 1875. Pe. Crispiniano (seu neto) se tornaria também pároco de Santa Rita do Rio Abaixo de 1875 a 1925, ano de seu falecimento. Pe. Crispiniano (avô) foi batizado aos 02-04-1803 na capela de Santa Rita (Ritápolis) sendo seus padrinhos Manoel Coelho dos Santos e Genoveva de Almeida e Silva (Livro de batismos da Capela de Santa Rita – 1803) Uma curiosidade: os padrinhos (batismo) de Pe. Crispiniano Antonio de Souza (neto) foram o Senador Gabriel Mendes dos Santos e sua esposa Ana Isabel.

(Testamento de Pe. Crispiniano Antonio dos Santos – 1873 – Cx. 232 – MRSJDR).

Em seu “De Genere et Moribus” consta que Pe. Crispiniano Antonio dos Santos era natural de Santa Rita, sendo referido por testemunhas como “filho natural”, “enfeitado”, “exposto na casa de Elena Pinto”.

No inventário de sua esposa Mariana Cândida dos Santos (+ 1840) constam “dois escravizados, uma casa velha, um moinho, um pasto de três alqueires e mais objetos e animais” Meação do viúvo: 1:034\$712 e como herdeiros João e Sabina (De Genere et Moribus de Pe. Crispiniano Antonio dos Santos – Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – 1841 – Registro 2133, armário 12, Pasta 0311).

## NOTAS

(1) *Os testamentos eram estratégias ou artifícios utilizados por clérigos (ou homens ricos com descendência bastarda) para se garantir os direitos de herança de descendentes, ainda que de forma dissimulada, subterfúgica, ou seja sem menção direta à descendência consanguínea. Formas, enfim, engenhosas, de transmissão de bens aos descendentes não declarados, porém de notório conhecimento público, ainda que ocorrendo “reserva” ou “encobrimento”, por parte da família quanto à descendência ilegítima. O concubinato de sacerdotes, comum nos séc. XVIII e XIX, segundo pesquisadores, era, igualmente, um método, seguido durante gerações, de reprodução dos grupos familiares, atendendo-se aos projetos de sua expansão econômica e geográfica. A ideia do padre como líder espiritual se associava umbilicalmente à de chefe familiar!*

*As famílias da elite buscavam, por outro lado, proteger sua imagem: ao mesmo tempo que se encobria a paternidade, buscavam-se outras*

*fórmulas para “assumir” os descendentes e herdeiros (bons casamentos, cargos socialmente valorizados). Enfim, a velha forma endogâmica – união e proteção entre familiares.*

(2) *D<sup>a</sup> Micaela Maria Gonçalves de Araújo, rica fazendeira de nossa região, proprietária da Fazenda da Galga, deu nome ao povoado e localidade onde, no passado, ficava sua vasta gleba. Batizada aos 13/04/1760, filha de Manoel Gonçalves de Araújo (este natural da comarca de Chaves, Braga, Portugal) e D<sup>a</sup> Tereza de Jesus e Góes. Casada com Manoel de Araújo Sampaio aos 24/06/1787, na Matriz de Tiradentes, sem geração. Manoel de Araújo Sampaio faleceu com testamento assinado no Ribeirão do Mosquito (Cel. Xavier Chaves) em 26/08/1812 e aberto em 22/06/1816, deixando como testamenteira D<sup>a</sup> Micaela. Declarou ter criado três expostos de nome Maria Joana da Silveira, Maria da Trindade e um menino de nome Gabriel. D<sup>a</sup> Micaela Maria faleceu aos 01/07/1841.*

*No Censo de 1831 do Distrito da Lage, Termo de São José Del-Rei, D<sup>a</sup> Micaela aparece como proprietária do fogo 118, com 60 anos, viúva e mais 34 escravos (Arquivo Público Mineiro PP 1/10, Cx 41, Doc 9).*

(3) *Pe. Dâmaso Pinto de Almeida Lara fez seu testamento, de próprio punho, em sua Fazenda Cachoeira de Salva Terra, aos 07/05/1877, deixando como testamenteiros: em 1<sup>o</sup> lugar, Francisco Pinto de Assis Rezende (sobrinho); em 2<sup>o</sup> lugar, Antonio Pinto de Assis Rezende (sobrinho); em 3<sup>o</sup> lugar, Joaquim Pinto Rodrigues Lara (sobrinho) e em 4<sup>o</sup> lugar Antonio Marciano Pereira. Testamento aberto aos 08/09/1879 (IPHAN/SJDR, cx. 71, fls.94).*

*As propriedades de Pe. Dâmaso Pinto de Almeida Lara abrangiam terras dos hoje municípios de Resende Costa, Passa Tempo, Piracema, Oliveira, São Tiago, Desterro de Entre Rios. Uma curiosidade: A Lei nº 1405, de 07/12/1867, da Assembleia Provincial, desmembrou do distrito da Lage e de S. José Del Rei e incorporava ao distrito de Capela Nova e ao termo de Bonfim as fazendas do Pe. Dâmaso Pinto de Almeida Lara e José da Costa Rodrigues.*

(4) *O Pe. Crispiniano Antonio dos Santos foi reconhecido como filho pelo Alferes Antonio Felisberto dos Santos (falecido aos 27/05/1857 na Fazenda do Pombal). O Alf. Antonio Felisberto dos Santos, que era filho de Manoel Coelho dos Santos e D<sup>a</sup> Genoveva de Almeida e Silva, foi casado com D<sup>a</sup> Matildes Emilia dos Santos (falecida em 1871), sem geração, filha ela, por sua vez, do Cap. José da Silva Santos e Joaquina Proença de Góes e Lara. D<sup>a</sup> Matildes era neta paterna de Domingos da Silva Santos e D<sup>a</sup> Antonia da Encarnação Xavier e neta materna do Cap. Francisco Pinto Rodrigues e D<sup>a</sup> Ana Maria Bernardes de Góes Lara.*

*O Alferes Antonio Felisberto dos Santos não teve filhos legítimos, mas reconheceu como filho e herdeiro Crispiniano Antonio dos Santos (batizado aos 02/04/1803, tendo como padrinhos o Rev. Manoel Coelho dos Santos e D<sup>a</sup> Genoveva de Almeida e Silva, tio e avó respectivamente).*

*Crispiniano Antonio dos Santos casou com sua prima Mariana Cândida dos Santos, filha de João Coelho dos Santos e Mariana de Souza Monteiro (+ 1840), tendo os filhos: João Basílio dos Santos e Sabina Cândida dos Santos. Sua filha Sabina Cândida, casada antes com Francisco José de Souza (+ 26/02/1853), teve, deste enlace, 3 filhos: 1. Mariana Cândida de Jesus, nascida em 1844; 2. Ana Cândida, nascida em 1847; 3. Crispiniano Antonio de Souza, nascido aos 08/02/1851 e batizado aos 25/02/1852. Pe. Crispiniano Antonio dos Santos teve ainda uma filha natural, de nome Luiza Maria de Jesus, residente em Patrocínio, que teve com Maria Tereza, mulher parda, a quem designou (a filha) como herdeira junto aos outros dois filhos. Enviuvando-se, Crispiniano ordenou-se padre.*

*Pe. Crispiniano Antonio dos Santos deixou testamento redigido aos 12/08/1872, aberto aos 28/08/1873, sendo testamenteiros em 1<sup>o</sup> lugar João Tomáz de Souza (casado com “minha neta Maria Francisca de Souza”), em 2<sup>o</sup> lugar Maria Custódia de Souza (neta) e em 3<sup>o</sup> lugar Pe. Crispiniano Antonio de Souza (neto) Inventário iniciado aos 11/09/1873, sendo inventariante Francisco Ribeiro da Silva e Souza (IPHAN/SJDR, cx. 232, fls. 104). Pe. Crispiniano Antonio dos Santos deixou terras nos lugares “Lagoa”, “Engenho”, moinho e monjolo na “Cachoeirinha”, casa de sobrado no arraial de Santa Rita, com paiol, rancho, quintal, pátio, arvoredos, três pastinhos unidos cercados de pedras e 5 escravos.*

*“Além da herança transmitida em bens móveis, terras, escravizados e outros elementos materiais, a alimentação, a saúde, o vestuário e os recursos para a educação eram fundamentais. Essas provisões foram levadas a cabo por alguns clérigos durante suas vidas e após o seu falecimento pelos responsáveis (...) Por sua vez, o Padre Crispiniano Antonio dos Santos avançou um pouco mais provendo ao filho Basílio meios que permitissem sua moradia e sobrevivência nos seguintes termos: “Emprestei a João Basílio quatro contos de réis para se arrancar e tratar de seus filhos” As preocupações paternas estendiam-se também aos netos, colaborando para que fôssem beneficiados junto aos pais” (Edriana Aparecida Nolasco – “Sob o signo da fragilidade humana – em nome dos padres e dos filhos – famílias de clérigos em Minas Gerais – século XIX” B. Horizonte, UFMG, 2022, p. 144) / Testamento de Pe. Crispiniano Antonio dos Santos, fls. 16v).*

# CANÇÕES POPULARES DO BRASIL

Remetente: Walter Cid

## AQUARELA DO BRASIL

Letra e música: Ary Barroso

Brasil!  
 Meu Brasil brasileiro,  
 Meu mulato inzoneiro,  
 Vou cantar-te nos meus versos...  
 Ô Brasil, samba, que dá  
 Bamboleio, que faz gingá.  
 Ô Brasil, do meu amor,  
 Terra de nosso senhor.  
 Brasil!  
 Brasil!  
 Pra mim...  
 Pra mim...  
 Ô abre a cortina do passado,  
 Tira a mãe preta do serrado,  
 Bota o rei Congo no congado,  
 Brasil!  
 Brasil!  
 Deixa, cantar de novo o trovador,  
 À merencória luz da lua,  
 Toda a canção do meu amor...  
 Quero, ver a "sa dona" caminhando,  
 Pelos salões arrastando  
 O seu vestido de rendado  
 Brasil!  
 Brasil!  
 Pra mim...  
 Pra mim...  
 Brasil!  
 Terra boa e gostosa  
 Da morena sestrosa  
 De olhar indiscreto.  
 Ô Brasil, verde que dá  
 Para o mundo se admirá,  
 Ô Brasil do meu amor,  
 Terra de Nosso Senhor.  
 Brasil!  
 Brasil!  
 Pra mim...  
 Pra mim...  
 Ô esse coqueiro que dá coco,  
 Oi onde amarro a minha rede  
 Nas noites claras de luar.  
 Brasil!  
 Brasil!  
 Ô oi essas fontes murmurantes  
 Oi onde eu mato minha sede  
 E onde a lua vem brincá.  
 Oi, esse Brasil lindo e trigueiro  
 É o meu Brasil brasileiro,  
 Terra de samba e pandeiro.  
 Brasil!  
 Brasil!  
 Pra mim...  
 Pra mim...

## MARINGÁ

Letra e música:  
 Joubert de Carvalho

Foi numa leva,  
 Que a cabocla Maringá  
 Ficou sendo a retirante  
 Que mais dava o que falá.  
 E junto dela veio alguém que suplicou  
 Pra que nunca se esquecesse  
 De um caboclo que ficou.  
 Estribilho  
 Maringá, Maringá,  
 Depois que tu partiste,  
 Tudo aqui ficou tão triste,  
 Que eu garrei a maginá:  
 Maringá, Maringá,

Para havê felicidade,  
 É preciso que a saudade  
 Vá batê noutra lugá.  
 Maringá, Maringá,  
 Volta aqui pro meu sertão  
 Pra, de novo, o coração  
 De um caboclo assossegá.

Antigamente,  
 Uma alegria sem igual  
 Dominava aquela gente  
 Da cidade de Pombal.  
 Mas, veio a seca,  
 E toda a chuva foi-se embora,  
 Só restando, então, as águas  
 Dos meus olhos, quando chora.

## A CASINHA PEQUENINA (Folclore brasileiro)

Tu não te lembras da casinha pequenina,  
 onde o nosso amor nasceu?  
 Ai!

Tu não te lembras da casinha pequenina,  
 Onde o nosso amor nasceu?

Tinha um coqueiro do lado que, coitado, (Bis)  
 De saudade já morreu.

Tu não te lembras das juras e perjuras,  
 Que fizeste com fervor?  
 Ai!

Tu não te lembras das juras e perjuras,  
 Que fizeste com fervor?

Daquele beijo demorado, prolongado (Bis)  
 Que selou o nosso amor.

Tu não te lembras do olhar, que, com pesar,  
 Disse o adeus da despedida?  
 Ai!

Tu não te lembras do olhar, que, com pesar,  
 Disse o adeus da despedida?

Eu fiquei abandonado, desolado (Bis)  
 E a chorar por toda a vida.

## AS PASTORINHAS

Letra: João de Barro  
 Música: Noel Rosa

A estrela d'alva  
 No céu desponta  
 E a lua anda tonta  
 Com tamanho esplendor!  
 E as pastorinhas,  
 Pra consolo da lua,  
 Vão cantando, na rua,  
 Lindos versos de amor.

Linda pastora,  
 Morena da cor de Madalena,  
 Tu não tens pena de mim,  
 Que vivo tonto  
 Com o teu olhar!  
 Linda criança,  
 Tu não me sais da lembrança!  
 Meu coração não se cansa  
 De sempre, sempre, te amar!

## LUAR DO SERTÃO

Letra e música: Catulo da Paixão  
 Cearense

Ó! que saudade  
 do luar da minha terra,  
 lá na serra,

branqueando folhas secas  
 pelo chão!  
 Este luar, cá da cidade,  
 tão escuro,  
 não tem aquela saudade  
 Do luar  
 lá do sertão

Estribilho  
 Não há (Bis)  
 Ô gente  
 Ô não  
 luar,  
 Como esse  
 Do sertão

Se a lua nasce  
 por detrás da verde mata  
 mais parece  
 um sol de prata,  
 prateando  
 a solidão!  
 E a gente pega na viola,  
 que ponteia,  
 e a canção  
 é a lua cheia,  
 a nos nascer  
 do coração!

Quando vermelha,  
 no sertão  
 desponta a lua,  
 dentro d'alma  
 onde flutua,  
 também  
 rubra.  
 nasce a dor!  
 E a lua sobe...  
 E o sangue muda  
 em claridade!...  
 E a nossa dor  
 muda  
 em saudade...  
 branca...  
 assim...  
 da mesma  
 cor!!!

Ai! Quem me dera  
 que eu morresse lá na serra,  
 abraçado à minha terra,  
 e dormindo de uma vez!  
 Ser enterrado  
 numa grota pequenina,  
 onde, à tarde,  
 a sururina  
 chora a sua viuvez!

Diz uma trova,  
 que o sertão todo conhece,  
 que, se à noite,  
 o céu floresce,  
 nos encanta,  
 e nos seduz,  
 é porque rouba dos sertões  
 as flores belas  
 com que faz essas estrelas  
 lá do seu jardim de luz!!!

Mas como é lindo ver,  
 depois,  
 por entre o mato,  
 deslizar,  
 calmo,  
 o regato,  
 transparente como um véu,  
 no leito azul das suas águas,  
 murmurando,

ir, por sua vez,  
 roubando  
 as estrelas  
 lá do céu!!!

A gente fria  
 desta terra,  
 sem poesia,  
 não se importa com esta lua,  
 nem faz caso do luar!  
 Enquanto a onça,  
 lá na verde capoeira,  
 leva uma hora  
 Inteira,  
 vendo a lua,  
 a meditar!

Coisa mais bela neste mundo  
 não existe,  
 do que ouvir  
 um galo triste,  
 no sertão,  
 se faz luar!!!  
 Parece até que a alma da lua  
 é que descanta,  
 escondida  
 na garganta  
 desse galo  
 a soluçar!

Se Deus me ouvisse  
 com amor  
 e caridade, me faria  
 esta vontade,  
 - o ideal do coração!  
 Era que a morte,  
 a descartar,  
 me surpreendesse,  
 e eu morresse,  
 numa noite de luar,  
 no meu sertão!

## NEGRINHO DO PASTOREIO

Letra e música:  
 Barbosa Lessa

Negrinho do Pastoreio,  
 Acendo esta vela pra ti  
 E peço que me devolvas  
 A querência que perdi.

Negrinho do pastoreio,  
 Traze a mim o meu rincão.  
 Eu te acendo esta velinha,  
 Nela esta meu coração.

Estribilho  
 Quero ver meu lindo pago  
 Coloreado de pitanga.  
 Quero ver a gauchinha  
 A brincar na água da sanga.

E a trotar pelas coxilhas,  
 Respirando a liberdade,  
 Que eu perdi naquele dia.  
 Que me embreitei na cidade.

Negrinho do pastoreio,  
 Acendo esta vela pra ti  
 E peço que me devolvas  
 A querência que perdi.  
 Negrinho do pastoreio,  
 Traze a mim o meu rincão.  
 A velinha está queimando,  
 E aquecendo a tradição.